

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
JORNALISMO



PUC
GOIÁS

**CURTA NEGRO: UMA SÉRIE DE PODCAST SOBRE O FILMES PROTAGONIZADOS,
DIRIGIDOS, ESCRITOS E/OU PRODUZIDOS POR PESSOAS PRETAS**

FABIO AUGUSTO SANTOS DA SILVA

GOIÂNIA

2023

FABIO AUGUSTO SANTOS DA SILVA

**CURTA NEGRO: UMA SÉRIE DE PODCAST SOBRE O FILMES PROTAGONIZADOS,
DIRIGIDOS, ESCRITOS E/OU PRODUZIDOS POR PESSOAS PRETAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Pontifícia Universidade Católica De Goiás -
PUC Goiás, como requisito para Grau
Pretendido

Orientador: Prof. Rogério Pereira Borges

GOIÂNIA

2023

AGRADECIMENTO

Inicialmente, expresso minha profunda gratidão à minha família, que, mesmo à distância, ofereceu apoio e auxílio essenciais ao longo da elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso. Meus amigos também desempenharam um papel fundamental, e agradeço a cada um por sua contribuição.

Quero dedicar um agradecimento especial ao meu professor e orientador, Rogério Borges, por sua orientação, dedicação e participação foram fundamentais em toda a jornada de construção da temática e para a conclusão daquilo que buscávamos desde o início deste processo.

Além disso, não posso deixar de expressar minha gratidão a todas as fontes que generosamente dedicaram seu tempo para contribuir com parte do meu trabalho, compartilhando suas visões, experiências e conhecimentos e ao Nilson Ribeiro Filho por editar o produto.

A todos que de alguma forma estiveram envolvidos neste processo, meu sincero agradecimento. Este trabalho não teria sido possível sem o apoio e a colaboração valiosos de cada um de vocês.

RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aqui apresentado é um podcast com a temática do cinema protagonizado, escrito, dirigido e produzido por pessoas pretas. Este projeto aprofunda-se em questões que exploram as visões de artistas negros pioneiros, a importância da representatividade e a evolução desse cenário ao longo do último século. O trabalho visa não apenas analisar criticamente o passado, mas também contribuir para uma compreensão mais ampla e inclusiva do cinema, destacando as narrativas que por sua vez foram negligenciadas. O resultado da pesquisa culminou na criação de uma série de podcast intitulada "Curta Negro", composta por quatro episódios.

Palavras-chaves: Cinema. Negro. Representatividade. Trabalho. Podcast.

ABSTRACT

The Course Conclusion Paper (TCC) that I present focuses on the theme of cinema starring, written, directed and produced by black people. This project delves into issues that explore the visions of pioneering black artists, the importance of representation and the evolution of this scenario over the last century. The work aims not only to critically analyze the past, but also to contribute to a broader and more inclusive understanding of cinema, highlighting narratives that have been neglected. The results of the research culminated in the creation of a podcast series entitled "Curta Negro", consisting of four episodes.

Keywords: Cinema. Black. Representativeness. Work. Podcast.

SUMÁRIO

1. Introdução	9
2. Referencial Teórico	11
2.1. Racismo	11
2.1.2. Racismo Estrutural	11
2.2. Racismo no cinema	21
2.2.1. Cinema negro brasileiro	22
2.2.2. Cinema negro de Hollywood	26
3. Podcast	29
3.1 Podcast no Brasil	29
3.2 Podcast como gênero jornalístico	30
4. Descrição do Produto	32
5. Diário de Produção	35
5.1. Justificativa da temática abordada no trabalho	35
5.2. Referencial teórico e definição da temática	35
5.3. Elaboração do roteiro	35
5.4. Contato com as fontes	36
5.5. Gravação e edição	36
5.6. Lista de entrevistados	36
Considerações finais	38
Referências Bibliográficas	40
Anexos	42
Anexo 1	42
Anexo 2	71
Anexo 3	72

1. Introdução

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) visa a navegar no universo do cinema negro, uma expressão cinematográfica que vai além das telas, desempenhando um papel fundamental na compreensão, desenvolvimento e impacto da cultura contemporânea. A pesquisa é motivada pela necessidade de aprofundar nossa compreensão desse movimento, traçando um breve histórico desde suas origens até as produções mais recentes.

Mais do que um mero reconhecimento da importância histórica das obras do cinema negro, este estudo visa destacar o que esse gênero oferece em comparação com as produções convencionais do campo cinematográfico. A justificativa para esta pesquisa consiste na necessidade de fomentar uma compreensão mais profunda e inclusiva do panorama cinematográfico, dando voz e espaço a perspectivas muitas vezes marginalizadas.

Este trabalho, apresentado na forma de um podcast, aborda temas cruciais, incluindo a introdução do cinema negro no Brasil e em Hollywood. Além disso, busca dialogar com indivíduos negros que estudam ou consomem cinema negro, oferecendo uma plataforma para suas experiências e perspectivas únicas. No entanto, além de uma análise técnica, este projeto revela sua relevância para a sociedade ao proporcionar uma visão mais abrangente e crítica do cinema negro, com um foco especial no racismo como elemento central.

O enfoque no racismo se torna vital para a compreensão deste trabalho, uma vez que permeia e molda a narrativa do cinema negro, contribuindo para uma análise mais aprofundada e significativa. Para embasar essa abordagem, consultamos obras fundamentais que exploram de maneira profunda as questões do racismo, incluindo *Pequeno Manual Antirracista* (2019) de Djamila Ribeiro, e *Racismo Estrutural* (2018), de Silvio Almeida, que forneceram uma base sólida para a análise crítica proposta.

Além disso, para contextualizar o cenário do cinema negro, utilizamos artigos específicos, como *A representação do negro em dois manifestos do cinema brasileiro* (2017) e *A representação do negro no cinema brasileiro* (2019). A abordagem da relação étnico-racial no cinema de Hollywood foi enriquecida pelo estudo de Diogo Matheus de Souza e Stela Schenato em *A questão étnico-racial do cinema de Hollywood no ensino de história* (2018).

Dada a natureza do produto final, um podcast, exploramos fontes adicionais para compreender as dinâmicas desse meio. Artigos como *As potencialidades do gênero podcast*

no desenvolvimento e aprimoramento da habilidade de compreensão oral na aprendizagem de língua inglesa (2021), *O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais* (2009) e *O podcast como gênero jornalístico*, (2012) desempenharam um papel crucial na análise do contexto contemporâneo da produção de mídia digital.

Em síntese, este TCC se propõe a não apenas estudar o cinema negro, mas também a contribuir para uma compreensão mais profunda, crítica e inclusiva do panorama cinematográfico, proporcionando um olhar atento às questões raciais que moldam e permeiam essa forma de expressão artística única.

2. Referencial Teórico

Para o desenvolvimento do presente trabalho, voltado à discussão do cinema negro, será abordado, em um primeiro momento, o conceito de racismo, e as obras *Racismo Estrutural* (2018), do Ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, Silvio Almeida, e o *Pequeno Manual Antirracista* (2019) da filósofa Djamila Ribeiro, serão importantes neste debate. Esses livros debatem, com profundidade, as estruturas sociais que perpetuam a discriminação contra pessoas negras, o que também se reflete na produção de bens culturais, caso do cinema. Esses contextos mais amplos de segregação revelam, assim, suas consequências na produção cinematográfica e no espaço ocupado por profissionais pretos nesta indústria simbólica relevante, geralmente reafirmando uma injustificável situação de diminuição desta importância e representatividade.

2.1. Racismo

O racismo é a crença na superioridade de uma raça sobre outras, fundamentada em características físicas e comportamentais. Dentro desse sistema, o valor de um indivíduo é determinado por sua afiliação a uma coletividade racial. Esta visão depreciativa frequentemente se manifesta de maneira violenta em relação a grupos específicos, resultando em discriminação baseada em raça, religião, cor, etnia, entre outros aspectos.

A discriminação racial afeta indivíduos em ambientes públicos, no ambiente de trabalho e em suas vidas pessoais. Atualmente, o preconceito racial está vinculado a diversos conceitos, e essa forma de discriminação é considerada um ato ilícito de grande gravidade, pois viola princípios fundamentais da ordem constitucional, como aponta a Lei 14.532/2023 (BRASIL, 2023), publicada em janeiro de 2023. A lei equipara a injúria racial ao crime de racismo, tornando-se mais severa.

2.1.2. Racismo Estrutural

Na obra *Racismo Estrutural*, escrita pelo atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil Silvio Almeida (2018), o autor argumenta que o preconceito não é apenas uma questão individual ou pessoal, mas sim um problema que permeia todas as esferas da vida social, incluindo o sistema jurídico, político, econômico e cultural. O autor

apresenta uma análise crítica do racismo no Brasil, mostrando como as estruturas sociais do País foram moldadas por uma lógica racista, e se manifesta de forma sutil e explícita. Almeida aborda temas como a escravidão, a construção da identidade racial, a segregação urbana, a violência policial, a desigualdade econômica e a falta de representatividade política para a população negra, ar como o racismo é uma realidade presente na vida dos brasileiros. Ele propõe uma reflexão sobre como a luta contra este preconceito deve ser uma responsabilidade coletiva e como as políticas públicas e as mudanças culturais são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Almeida aborda as questões fundamentais relacionadas à construção da identidade racial no Brasil e como a discriminação racial é uma realidade presente em todas as esferas da sociedade. O autor apresenta uma análise crítica do conceito de raça, mostrando como a ideia de que existem diferenças biológicas entre as pessoas com base na cor da pele é uma construção social que surgiu durante a colonização europeia das Américas e foi utilizada para justificar a escravidão e a exploração econômica dos povos africanos. “O racismo é uma imoralidade e também um crime, que exige que aqueles que o praticam sejam devidamente responsabilizados, disso estamos convictos. Porém, não podemos deixar de apontar o fato de que a concepção individualista, por ser frágil e limitada, tem sido a base de análises sobre o racismo absolutamente carentes de história e de reflexão sobre seus efeitos concretos.” (Almeida, 2018, p. 25).

O autor também discute como o racismo no Brasil é estrutural, ou seja, está presente nas instituições, nas leis, nas políticas públicas e nas relações sociais. Ele argumenta que esta discriminação não é apenas uma questão de preconceito individual, mas sim uma forma de opressão sistemática que afeta a vida da população negra de forma desproporcional. Em questões de racismo e ideologia, Almeida trata das formas pelas quais o racismo é perpetuado na sociedade brasileira por meio de ideologias que reforçam a discriminação racial. O autor apresenta uma análise crítica das ideias e discursos que são utilizados para justificar a hierarquia racial, como a de que a miscigenação eliminaria o racismo ou a ideia de que tal preconceito é um problema superado no Brasil. Para ele, essas ideias são usadas para mascarar a realidade da discriminação racial e perpetuar a opressão contra a população negra.

Já o sociólogo e jornalista, Muniz Sodré questiona a validade do conceito de racismo estrutural, argumentando que carece de fundamentação científica, na obra *O fascismo da cor: Uma radiografia do racismo nacional* (2023). Embora não se oponha à sua utilização, destaca a complexidade da discriminação racial no Brasil, desafiadora de combate devido à sua natureza institucional e intersubjetiva.

O Sodré aponta que, marcada pela negação do preconceito, essa forma de discriminação se reconfigurou após a Abolição, influenciada por ideias fascistas europeias. Sodré propõe que a abordagem de aproximação em algumas situações brasileiras oferece oportunidades eficazes para enfrentar o racismo. Ao discutir o termo de estrutura, ele esclarece seu significado preciso na sociologia e filosofia, referindo-se a uma totalidade fechada de elementos interdependentes, como exemplificado pela estrutura jurídica.

Almeida discute como a mídia e a cultura popular também contribuem para a perpetuação deste preconceito, apresentando estereótipos e representações negativas da população negra. “O exotismo confere valor à cultura, cujas manifestações serão integradas ao sistema na forma de mercadoria. Desse modo, o cinema, a literatura, a música e as artes plásticas não precisam negar a existência do racismo; pelo contrário, produções artísticas de grande repercussão tratam do racismo e do sofrimento por ele provocado de modo direto.” (2018, p. 46-47). Um dos exemplos mais notáveis ocorreu durante o início do cinema, quando frequentemente ocorriam representações caricatas de pessoas negras através do controverso *blackface*, uma prática na qual indivíduos brancos se "fantasiavam" como negros. Isso quando não os taxavam como animais.

Almeida também expõe a relação entre o racismo e a religião, mostrando como algumas crenças religiosas são utilizadas para justificar a hierarquia racial e a discriminação contra a população negra. Ao longo dos relatos, o autor apresenta uma análise crítica da ideologia racista e de como ela se manifesta em diferentes esferas da sociedade. Ele argumenta que é necessário combater essas ideias e discursos para construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Ao relatar um pouco mais sobre racismo e política, o ministro aborda a questão da representatividade política da população negra no Brasil e como o racismo afeta a participação dos negros na vida pública do País. “É por meio do Estado que a classificação de pessoas e a divisão dos indivíduos em classes e grupos é realizada. Os regimes colonialistas e escravistas, o regime nazista, bem como o regime do *apartheid* sul-africano não poderiam existir sem a participação do Estado e de outras instituições como escolas, igrejas e meios de comunicação.” (Almeida, 2018, p. 54).

O autor apresenta uma análise crítica da estrutura política brasileira, mostrando como as instituições políticas são dominadas por uma elite branca e como isso afeta a representação da população negra, incluindo na cultura. O que não foi diferente no cinema durante mais de um século. Durante mais de 100 anos foi notável que brancos sempre foram vistos como líderes, sempre sendo adaptados nos filmes como chefes, pais de família, advogado, doutor,

presidente, enquanto os negros eram visto como empregados, bebados ou preguiçosos. Almeida argumenta que a falta de representatividade de negros nas esferas políticas e governamentais perpetua a exclusão e a marginalização dessa minoria.

Além disso, Almeida demonstra como o racismo afeta a participação política dos negros, apresentando dados e estatísticas que mostram a baixa presença de negros nos cargos políticos eletivos e nos cargos de poder no Brasil. E por fim discute as consequências políticas do racismo, mostrando como a exclusão dessa população das esferas políticas e governamentais leva à falta de políticas públicas voltadas para a promoção da igualdade racial. Ao analisar o contexto cinematográfico, é possível estender a reflexão para a falta de políticas públicas voltadas para a promoção da igualdade racial. Almeida evidencia como essa ausência de diversidade nas políticas repercute diretamente na formulação de políticas públicas, contribuindo para a perpetuação das desigualdades raciais.

No campo do Direito, Almeida (2018) trata da relação entre racismo e sistema jurídico brasileiro, apresentando uma análise crítica da forma como a discriminação racial é estruturada e perpetuada através do sistema legal. O autor expõe a ideia de que o racismo estrutural está presente no sistema jurídico brasileiro, resultando em práticas discriminatórias contra a população negra. Almeida discute como as normas jurídicas, bem como a aplicação do Direito na prática, muitas vezes ignoram ou perpetuam o preconceito, contribuindo para a injustiça contra o negros e para as altas taxas de encarceramento desse grupo. Ele aponta como as leis são frequentemente utilizadas para legitimar essa opressão, enfatizando como esse sistema afeta desproporcionalmente a vida de pessoas com pele negra e reforça a desigualdade social no país. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o índice de Gini do rendimento domiciliar per capita, um indicador de desigualdade, atingiu 0,518 em 2022¹.

Almeida (2018) apresenta uma análise crítica do sistema jurídico brasileiro e de como o racismo é incorporado na estrutura e aplicação do Direito. Ele argumenta que é necessário uma mudança fundamental na forma como o sistema jurídico é organizado e aplicado para combater a discriminação e promover a igualdade racial. Em relação à economia, o autor aborda a questão da desigualdade racial no Brasil no âmbito econômico, apresentando uma análise crítica da forma como o racismo é incorporado na estrutura econômica do País. “Falar sobre raça e economia é essencialmente falar sobre desigualdade. Tanto para aqueles que

¹ Disponível em:

[https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/36857-em-2022-mercado-de-trabalho-e-auxilio-brasil-permitem-recuperacao-dos-rendimentos#:~:text=Ap%C3%B3s%20crescer%20em%202021%20\(0%2C544,o%20Gini%2C%20maior%20a%20desigualdade.](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/36857-em-2022-mercado-de-trabalho-e-auxilio-brasil-permitem-recuperacao-dos-rendimentos#:~:text=Ap%C3%B3s%20crescer%20em%202021%20(0%2C544,o%20Gini%2C%20maior%20a%20desigualdade.)

definem a economia como a ciência que se ocupa da escassez, como para os que a consideram como o conjunto das relações de produção, o certo é que a economia deve responder a uma série de questões que mobilizam muito mais do que cálculos matemáticos ou planilhas.” (Almeida, 2018, p. 95). Assim questionando como a sociedade se organiza para produzir as condições necessárias para a sua continuidade, como o trabalho social é dividido e qual o critério para definir o pagamento de salários.

Almeida (2018) argumenta que o racismo estrutural está presente em todas as esferas da vida econômica no Brasil, desde a distribuição de recursos e oportunidades até a forma como as relações de trabalho são estruturadas. Almeida discute como isso acaba afetando a distribuição de renda e a mobilidade social, levando a uma concentração de riqueza nas mãos de uma elite branca.

Por fim, ele discute que a falta de oportunidades econômicas para a população negra afeta sua participação na economia e sua capacidade de elevar seu status social. Almeida também analisa como o racismo está presente nas relações de trabalho, levando a salários mais baixos para a população negra e à falta de acesso a empregos de qualidade.

O racista é aquele que deixa de contratar alguém mais ou igualmente produtivo por ter uma preferência irracional por pessoas que se pareçam física e/ou culturalmente consigo. Desse modo, a discriminação econômica é a soma de comportamentos individuais baseados em preconceitos e uma falha de mercado no que se refere às informações disponíveis. (Almeida, 2018, p. 98).

Na obra *Pequeno Manual Antirracista*, a filósofa e escritora Djamilia Ribeiro (2019) aborda temas relacionados ao racismo estrutural presente na sociedade brasileira e oferece reflexões e sugestões de ações para combatê-lo. A autora cita os diferentes aspectos do racismo, como a construção social da raça, os estereótipos racistas, o racismo institucional, o papel da educação na luta antirracista, a importância de se ler autores negros, entre outros. “O primeiro ponto a entender é que falar sobre racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural. É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências.” (Ribeiro, 2019, p 5).

Ao examinar a questão dos estereótipos racistas, é possível fazer paralelos diretos com a representação no cinema. Os estereótipos desempenham um papel na moldagem das visões sociais e, por determinado tempo, os negros frequentemente foram retratados de maneira simplificada e unidimensional nas produções cinematográficas, distorcendo a realidade e contribuindo para a perpetuação de preconceitos e discriminações.

Ribeiro (2019) apresenta conceitos e argumentos importantes para a compreensão do racismo e oferece sugestões de como deve-se agir para combater essa problemática. A autora discute a ideia de que a desinformação sobre o racismo é uma das principais razões pelas quais ele persiste em nossa sociedade. E ainda enfatiza a importância de se educar e se informar sobre, tanto para compreender a complexidade dele quanto para lutar contra ele. “Todos os racismos são abomináveis e cada um faz as suas vítimas do seu modo. O brasileiro não é o pior, nem o melhor, mas ele tem as suas peculiaridades, entre as quais o silêncio, o não dito, que confunde todos os brasileiros e brasileiras, vítimas e não vítimas do racismo.” (Ribeiro, 2019, p. 8).

Ribeiro (2019) chega a enfatizar a necessidade de se discutir o racismo de forma aberta e honesta, mesmo que isso cause desconforto. E argumenta que o silêncio e a negação do racismo apenas o perpetua e que a luta antirracista requer um compromisso constante e consciente. Ainda na obra, a autora aborda a importância de enxergar e valorizar a negritude como uma parte fundamental da identidade e da cultura negra, apesar de acabar sendo invisibilizada e desvalorizada na sociedade. Porém, ela ressalta o quanto é importante reconhecer a negritude como uma fonte de orgulho e de resistência contra a opressão racial. Pois, segundo a filósofa, a negritude não se limita à cor da pele, mas sim é uma construção social e histórica que engloba aspectos culturais, políticos e econômicos da experiência negra. E de certa forma é importante valorizar a diversidade dentro da negritude e de reconhecer as diferenças e as nuances das experiências negras.

A autora também discute a importância de se ampliar a representatividade negra na mídia e na cultura, para que a negritude seja vista como algo positivo e inspirador. Ela enfatiza que a valorização da negritude não deve ser vista como uma forma de segregação, mas sim como uma maneira de respeitar e valorizar a diversidade humana. Ribeiro (2019) trata a questão dos privilégios que as pessoas brancas têm na sociedade em virtude da sua raça, afirmando que o racismo não é apenas uma questão de preconceito individual, mas sim um sistema estrutural que favorece os brancos em detrimento das pessoas negras. É sobre ir ao cinema, ver pessoas pretas em espaços em que pode servir de inspirações para crianças e jovens negros. E ela ressalta ainda a importância de os brancos reconhecerem os privilégios que possuem em virtude da sua raça, para que possam se engajar na luta contra o racismo de forma mais eficaz.

A autora discute alguns exemplos de privilégios da branquitude, como o acesso facilitado a empregos, educação e moradia, bem como o fato de não serem automaticamente suspeitos pela polícia ou de não serem estereotipados em virtude da cor de sua pele.

Argumentos que mostram que esses privilégios são invisíveis para as pessoas brancas porque são considerados a norma na sociedade, mas são muito evidentes para as pessoas negras que não têm acesso aos mesmos direitos e oportunidades. E enfatiza que reconhecer isso não significa se sentir culpado ou negar a sua própria história e cultura, mas sim reconhecer que brancos têm uma posição privilegiada na sociedade e que é necessário trabalhar para mudar esse sistema. “A maioria das pessoas admite haver racismo no Brasil, mas quase ninguém se assume como racista. Pelo contrário, o primeiro impulso de muita gente é recusar enfaticamente a hipótese de ter um comportamento racista: ‘Claro que não, afinal tenho amigos negros’, ‘Como eu seria racista, se empreguei uma pessoa negra?’, ‘Racista, eu, que nunca xinguei uma pessoa negra?’.” (Ribeiro, 2019, p. 15). De acordo com a autora, isso é resultado de racismo estrutural e que se manifesta de várias formas, como na ideia de que cabelo crespo é "ruim" ou a crença de que pessoas negras são menos inteligentes ou capazes.

Pessoas brancas podem reproduzir o racismo internalizado, principalmente quando afirmam que não veem a cor das pessoas ou quando minimizam a importância da luta antirracista, e a partir disso, a autora argumenta que a desconstrução do racismo internalizado é fundamental para a luta antirracista e que isso passa pela valorização da negritude e pela construção de uma autoimagem positiva das pessoas negras. Ao tratar da importância das políticas de ação afirmativa na educação como forma de combater o racismo estrutural presente na sociedade, Ribeiro relata que as políticas afirmativas são necessárias para diminuir as desigualdades educacionais entre pessoas brancas e negras, garantindo que todos tenham acesso às mesmas oportunidades. Ela destaca que a desigualdade racial no Brasil é evidente nos índices de acesso ao ensino superior, onde a população negra ainda é minoria.

Por causa do racismo estrutural, a população negra tem menos condições de acesso a uma educação de qualidade. Geralmente, quem passa em vestibulares concorridos para os principais cursos nas melhores universidades públicas são pessoas que estudaram em escolas particulares de elite, falam outros idiomas e fizeram intercâmbio. E é justamente o racismo estrutural que facilita o acesso desse grupo. (Ribeiro, 2019, p. 17).

Ribeiro também aborda a resistência que as políticas afirmativas enfrentam, principalmente por parte de pessoas que acreditam que elas ferem o princípio da meritocracia, e argumenta que essa ideia é falaciosa, pois não leva em conta a desigualdade social e racial que existe no país, tornando-se assim uma desculpa para a manutenção do status. E enfatiza que apoiar as políticas educacionais afirmativas é fundamental para o combate ao racismo e para a construção de uma sociedade justa e igualitária.

No contexto do cinema, a formação de profissionais com nível universitário nesta área é intrinsecamente ligada às discussões sobre políticas afirmativas e igualdade racial. No universo do cinema, a falta de representatividade e oportunidades para profissionais negros é um reflexo dessa desigualdade. Ao apoiar e investir em políticas educacionais afirmativas torna-se não apenas uma resposta necessária a essa desigualdade, mas também um passo fundamental para a construção de um cenário cinematográfico mais diversificado e inclusivo, além da formação universitária de profissionais do cinema por meio de políticas que buscam trabalhar em projetos cinematográficos que celebram e representa a riqueza da diversidade racial.

A autora trata a questão do racismo no ambiente de trabalho, destacando a necessidade de combatê-lo. Ela argumenta que o racismo é uma realidade persistente no contexto profissional, onde as pessoas negras frequentemente enfrentam situações de humilhação, desqualificação e desvalorização. Além disso, ressalta as dificuldades enfrentadas por esses indivíduos para avançar em suas carreiras. Ribeiro (2019) expõe algumas medidas que podem ser adotadas para transformar o ambiente de trabalho em um espaço mais inclusivo e antirracista, promovendo a igualdade de oportunidades, evitando preconceitos e estereótipos, além de valorizar a diversidade. Ela também sugere que as empresas implementem políticas afirmativas para a inclusão de pessoas negras em cargos de liderança e que os gestores recebam treinamentos sobre diversidade e igualdade racial.

Nos últimos anos, foi notável a evolução a presença de profissionais negros nos setores de direção, roteiro e produção de filmes, ampliando sua influência tanto no cenário cinematográfico brasileiro quanto internacional, por meio de participações em diversos festivais. Apesar desse progresso em cargos de liderança, persiste uma lacuna que requer atenção urgente, visando equilibrar o número de profissionais negros nesses papéis com os de pessoas brancas.

Ao tratar da importância da leitura de autores negros para a desconstrução do racismo e para o enriquecimento da literatura nacional, a autora ressalta que a literatura é uma forma de expressão artística e política e que a presença de autores negros é fundamental para a compreensão da realidade do País e para a valorização da diversidade cultural. Ribeiro (2019) destaca que a escrita da literatura negra traz a vivência desse grupo no Brasil e que a leitura desses autores pode ajudar a desconstruir estereótipos e preconceitos em relação aos negros. Ela cita vários exemplos de autores negros brasileiros e estrangeiros, que abordam temas como a luta contra a escravidão, o racismo, a desigualdade social e o empoderamento negro.

Os autores citados são: Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez, Angela Davis, Alice Walker, Sueli Carneiro, James Baldwin, entre outros.

A autora também critica a forma como a literatura negra muitas vezes é desvalorizada e marginalizada no mercado editorial e enfatiza a importância de apoiar e promover a publicação de obras de autores negros. E por fim destaca que o consumo deles deve ser uma prática constante e que é necessário combater a invisibilidade e o apagamento da história e da cultura negra no Brasil.

As construções sobre raça se dão de forma singular e complexa nas diferentes regiões do país. Por isso, precisamos conhecer a produção de mulheres negras de fora das grandes metrópoles — como Nilma Bentes, Zélia Amador e Marcela Bonfim — e ampliar as nossas visões de mundo. Procure conhecer o trabalho realizado por núcleos de estudos afro-brasileiros em universidades, valorize editoras que publicam produções intelectuais negras e apoie iniciativas que têm como objetivo a visibilidade de pensamentos decoloniais. Precisamos ir além do que já conhecemos. (Ribeiro, 2019, p. 24).

Ao discutir como a cultura que consumimos, seja em filmes, música, livros, entre outros, pode reforçar estereótipos e discriminações raciais, a autora destaca a importância de questionar a presença de pessoas negras e a representatividade delas nessas produções culturais, além de atentar-se aos conteúdos e mensagens que estão sendo transmitidos. A reflexão sobre o impacto da cultura, especialmente no contexto cinematográfico, tem uma relevância fundamental ao considerar como filmes moldam visões e influenciam a construção social. No cinema, isso implica não apenas romper com estereótipos, mas também criar narrativas que ampliem a compreensão coletiva e desafiem os preconceitos enraizados, promovendo, assim, uma representação mais autêntica.

Ribeiro (2019) ressalta que reconhecer e apoiar a importância da diversidade na cultura e a produção de obras de artistas negros é uma forma de contribuir para uma sociedade mais inclusiva e justa.

Quando assistir a um filme ou a uma novela, procure refletir sobre a presença ou a ausência de atores e atrizes negros. Quantas pessoas negras estão atuando? Que personagens interpretam? O mesmo vale para qualquer produto cultural: quando for a uma exposição de arte, a uma festa literária, a um debate sobre poesia, quando ler um livro ou folhear uma revista. E, para você que pode contratar profissionais da cultura ou investir em projetos culturais, reflita quem você escolhe para a equipe e quais temas estão sendo tratados. Você está fazendo o que pode para contribuir para a luta antirracista? (Ribeiro, 2019, p. 28).

Ao abordar a questão da sexualidade e como ela é influenciada pelo racismo, Ribeiro argumenta que o padrão de beleza e atração estabelecido pela sociedade branca tende a

excluir e marginalizar as pessoas negras, perpetuando estereótipos e preconceitos. A poeta e escritora Elisa Lucinda, citada por Djamila Ribeiro, tem uma frase forte, mas muito pertinente:

Deixar de ser racista não é comer uma mulata”. A autora chama atenção para o fato de que se relacionar com uma pessoa negra não significa ter uma consciência antirracista. Primeiro, porque é necessário entender como essa relação se dá. Se ela segue signos racistas, como a ideia de que mulheres negras são “quentes” e “naturalmente sensuais”, ou ainda se a pessoa só procura pessoas negras para relações casuais, e não para um compromisso duradouro, a relação é pautada pelo racismo. (Ribeiro, 2019, p. 30).

Ao adentrar o âmbito do cinema, torna-se imperativo confrontar o papel desempenhado pela indústria na sexualização dos estereótipos negros, conforme destacado por Ribeiro (2019). Ela ainda defende que é importante reconhecer esses desejos e afetos e questionar se eles estão sendo influenciados pelo racismo. Ela cita o quão importante é a conexão de casais negros, para que juntos possam lutar por uma sociedade mais justa e igualitária.

A autora destaca a violência diária enfrentada por pessoas negras, manifestando-se de forma física, psicológica e estrutural. Ela ressalta a importância crucial da denúncia de atitudes racistas, abrangendo desde micro agressões até formas mais explícitas de violência, e enfatiza a necessidade de oferecer apoio às vítimas. O cinema, quando empregado de maneira consciente e responsável, pode se tornar um veículo poderoso para desconstruir estereótipos e contribuir para uma cultura visual que promova a dignidade e respeito, em vez de reforçar narrativas prejudiciais e sexualizadas.

Além disso, Ribeiro ressalta a necessidade da luta por políticas públicas que combatam o racismo e promovam a igualdade racial, como ações afirmativas e políticas de reparação histórica, assim como alega Almeida (2018), que o racismo afeta a participação dos negros na vida desse público no país. A autora, então, enfatiza a importância de não naturalizarmos a violência racial e de reconhecermos que ela é um problema estrutural que precisa ser enfrentado de forma coletiva.

Ao enfatizar a necessidade de sermos todos antirracistas, Ribeiro sublinha a ideia de que não é suficiente simplesmente não ser racista; é imperativo ser ativamente antirracista. Nesse sentido, ela destaca a importância da educação e informação sobre o racismo estrutural que permeia nossa sociedade, incentivando uma reflexão crítica sobre nossas próprias atitudes e privilégios.

A autora também defende que devemos buscar formas de combater o racismo em nosso cotidiano, seja por meio de ações individuais ou coletivas, seja apoiando movimentos e organizações que lutam por igualdade racial. Ribeiro (2019) enfatiza que ser antirracista é um compromisso constante, que exige reflexão, ação e empatia em relação às pessoas negras e suas vivências. “Pessoas brancas devem se responsabilizar criticamente pelo sistema de opressão que as privilegia historicamente, produzindo desigualdades, e pessoas negras podem se conscientizar dos processos históricos para não os reproduzir.” (Ribeiro, 2019, p. 36).

As obras acima citadas oferecem uma base teórica sólida para a compreensão do racismo estrutural, explorando suas raízes históricas e suas manifestações contemporâneas. Almeida (2018) e Ribeiro (2019), entre outros, contribuem significativamente para a reflexão crítica sobre as formas de combater o preconceito racial, ressaltando a importância da educação, da desconstrução de estereótipos e do engajamento ativo na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

2.2. Racismo no cinema

O cinema é definido como a arte que reproduz, de forma rápida e sucessiva, fotogramas, criando a ilusão de movimento como aponta Luís (2019). As obras cinematográficas, conhecidas como filmes, são criadas pela gravação de imagens do mundo por meio de câmeras apropriadas ou pela sua produção usando técnicas específicas de animação ou efeitos visuais. Mais especificamente, o cinema pode ser descrito como o conjunto de princípios, processos e técnicas utilizados para capturar e projetar sequências de imagens estáticas (fotogramas) numa tela, dando a impressão de movimento ao espectador.

O cinema surgiu no ano de 1895, através dos irmãos Lumière, que criaram, a partir do aperfeiçoamento do Cinetoscópio, o Cinematógrafo, de onde se originou o termo cinema. E desde então tem servido como um espaço para dar voz a diversos movimentos e lutas. A arte sempre foi um reflexo das ideias do mundo, transmitindo mensagens de revolução, força, amor e apoio, mas também expondo preconceitos, opressão e racismo. E os artistas negros vivenciaram na própria pele o preconceito que artistas brancos jamais imaginariam ter que enfrentar para conquistar reconhecimento nas telas.

Durante a ascensão do cinema no Brasil e globalmente, o racismo tornou-se explicitamente visível quando atores brancos eram escolhidos para representar personagens negros nos filmes, muitas vezes recorrendo até mesmo à prática conhecida como blackface, em que pintavam seus rostos para se assemelharem à cor da pele de pessoas negras.

No entanto, essa problemática não se encerrou aí. Mesmo quando atores negros passaram a atuar de fato nas telas, seus personagens eram frequentemente estereotipados. Homens negros eram frequentemente escalados para papéis que retratavam estereótipos como ladrões, cachaceiros, mentirosos e preguiçosos, enquanto mulheres negras eram frequentemente contratadas para interpretar papéis de funcionárias, perpetuando assim narrativas discriminatórias e limitadas. Essa prática contribuiu para a persistência de representações negativas no cinema, reforçando estereótipos prejudiciais ao longo dos anos, “até o momento em que os artistas e ativistas negros passaram a reivindicar e praticar a autorrepresentação e questionar os estereótipos (Carvalho, 2021)

2.2.1. Cinema negro brasileiro

Registros apontam que a primeira exibição cinematográfica no Brasil aconteceu em 1896, na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Nos anos seguintes, surgiu a primeira produção nacional intitulada *Vista da Baía de Guanabara* (1898), dirigida pelo cinegrafista italiano Alfonso Segreto, como aponta Ganzer, Silva e Hermes (2019). Embora esse curta-metragem nunca tenha sido exibido, a data de seu lançamento, 19 de junho, é considerada o Dia do Cinema Brasileiro.

Ao expandir-se para outras capitais do Brasil, como Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre, o cinema brasileiro acabou ganhando ainda mais destaque. E desde então, o racismo se manifestou de certa maneira. Um exemplo disso pode ser observado na revista *Cinearte*, que foi a principal publicação durante o período do cinema mudo. A revista refletia os valores e visões predominantes da época, muitas vezes perpetuando estereótipos raciais e marginalizando a população negra. Essas questões também afetaram os primeiros filmes sonoros, inclusive o trabalho de Humberto Mauro, um dos principais diretores brasileiros da primeira metade do século XX, de acordo com Ganzer, Silva e Hermes (2019)

Embora mais da metade da população brasileira seja majoritariamente negra, colocando o País como a segunda nação com a maior população negra fora da África, essa realidade não se reflete automaticamente em transformações no cenário cinematográfico. No cinema negro brasileiro, há uma significativa representatividade da cultura do País. No entanto, em uma nação marcada pela vasta miscigenação e com uma população majoritariamente negra, a representatividade desta parcela da população nas produções cinematográficas é limitada, com poucos protagonistas visíveis.

Na história do cinema brasileiro, a introdução do som levou o estúdio "Cinédia" a investir em comédias musicais ao estilo hollywoodiano. Apesar das inovações técnicas e do

novo formato de entretenimento, a representação e inclusão da população negra nessas obras eram limitadas e estereotipadas. Na década de 1940, a "Atlântida Cinematográfica" se destacou com as "Chanchadas", com um humor popular e burlesco.

Em 1949, a "Companhia Cinematográfica Vera Cruz" procurou emular o modelo de Hollywood, no entanto, acabou falindo devido aos custos elevados. Insatisfeitos com essa abordagem, cineastas brasileiros deram origem ao movimento Cinema Novo (1960-1972), influenciados pelo Neorrealismo Italiano e pela Nouvelle Vague Francesa. Este movimento era caracterizado por um enfoque em temas sociais e uma estética singular, sintetizado pelo lema "Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça". Durante esse período, a participação dos negros foi limitada, refletindo as desigualdades sociais da época. Apesar do movimento enfocar temas sociais, a representatividade negra nas telas e nos bastidores enfrentou obstáculos.

O Cinema Novo foi dividido em três fases. Na primeira (1960-1964), filmes abordaram problemas sociais, como em *Bahia de Todos os Santos* (1960). Nessa fase, emergiram produções que começaram a explorar a temática racial no Brasil, notáveis exemplos incluem *Barravento* (1962), de Glauber Rocha, retratando questões sociais no Nordeste, e *Ganga Zumba* (1964), de Cacá Diegues, que destaca a luta pela liberdade da população negra, com atuações notáveis de Antônio Pitanga, Léa Garcia e Zózimo Bulbi. Esses filmes marcaram uma fase crucial na representação da população negra no cinema brasileiro.

A questão racial não escapou às revisões críticas, inovações e demarcações que caracterizaram os movimentos culturais dos anos 1960. No contexto do Cinema Novo, em particular, o negro e elementos de sua cultura e história são representados na maioria dos filmes da sua fase inicial, como aponta Ganzer, Silva e Hermes (2019)

Na segunda fase do Cinema Novo (1964-1968), segundo Ganzer (2019) durante a Ditadura Militar, houve uma crescente desilusão em relação ao movimento, que inicialmente prometia proteger os direitos civis, mas não conseguiu salvaguardar a democracia. Nesse período, as produções cinematográficas voltaram-se para a análise do populismo, desenvolvimentismo e intelectuais de esquerda como forma de resistência à política vigente. Após esse período, a predominância do discurso político engajado perdeu força na produção cinematográfica.

Após o Golpe de 64, os negros praticamente desapareceram dos filmes, que passaram a focar na crítica à classe média. Pescadores, moradores de morro, cangaceiros e camponeses foram substituídos por intelectuais histéricos e amargurados, numa figuração autocrítica das

posições assumidas no passado. A questão racial ressurgiria com uma nova abordagem nos filmes a partir da metade da década de 1970, quando as crenças nos poderes do povo foram renovadas, não mais na chave do nacional-populismo, mas no contexto do pacto pela redemocratização impulsionado pelos movimentos sociais, sendo o movimento negro um dos mais expressivos.

Na terceira e última fase do Cinema Novo (1968-1972), os cineastas se aproximaram cada vez mais do movimento Tropicalista, trazendo uma abordagem que também valorizava a presença indígena em suas produções. Com um olhar mais profissional e uma maior exploração da cultura brasileira, esses produtores retomaram o foco original do movimento, que era retratar a vida e representação de personagens marginalizados, bem como abordar os problemas sociais do Brasil.

O Cinema Novo foi um divisor de águas no cinema brasileiro. Reivindicou para si mudanças na crítica, na estética e no modo de realização de filmes que redefiniram a produção posterior [...] Verifica-se, assim, que o Cinema Novo delineou novos caminhos e perspectivas para o cinema brasileiro. Esforçando-se por colocar um ponto final na era dos grandes estúdios nos moldes da indústria de Hollywood, preconizou a necessidade imperiosa de se criar um cinema mais independente, do ponto de vista tanto comercial como estético." (Carvalho. 2009 . p. 377-378).

Por fim, o Cinema Novo, como um importante movimento estético do cinema brasileiro, trouxe um aumento significativo da participação de atores e atrizes negros, embora ainda houvesse uma falta de representatividade na direção e produção cinematográfica. Durante esta época, atores que Léa Garcia, Grande Otelo, Antônio Pitanga, Zezé Motta e Zózimo Bulbul foram pioneiros dentro das telonas, assim representando e abrindo portas para outros atores negros que viriam a seguir.

Nesse contexto, o movimento permitiu a representação do negro no cinema por meio de elementos culturais como a música negra, religiões africanas e a abordagem do período escravocrata. A valorização da história do cinema negro brasileiro e a discussão sobre suas conquistas e desafios contribuem para um debate amplo sobre representatividade e desconstrução de estereótipos nas produções cinematográficas.

Anos posteriores ocorreu um notável crescimento do cinema negro no Brasil, caracterizado por uma maior representatividade e visibilidade dos cineastas negros e suas obras. Nesse período, diversos filmes foram produzidos, abordando temáticas relacionadas à identidade negra, racismo, desigualdade social e lutas por direitos. Esse crescimento do cinema negro foi impulsionado pelo fortalecimento dos movimentos sociais negros, que reivindicavam uma maior representação e espaço para as vozes negras no cenário

cinematográfico brasileiro. Cineastas como Zózimo Bulbul, Adélia Sampaio, Joel Zito Araújo e Cacá Diegues trouxeram uma nova perspectiva para a produção cinematográfica no país.

Alguns exemplos notáveis dessa época incluem *Quilombo* (1984), dirigido por Cacá Diegues, que aborda o Quilombo dos Palmares como símbolo de resistência; *Abolição* (1988), de Zózimo Bulbul, que retrata a história de João Miguel, um líder negro que lidera uma revolta de escravos no período final da escravidão no Brasil; e *Amor Maldito* (1984), de Adélia Sampaio, que foi o primeiro filme dirigido, escrito e produzido por uma mulher negra no Brasil, embora tenha sido protagonizado por mulheres brancas. O filme *Ôri* (1989), dirigido por Raquel Gerber, também merece destaque, pois documenta os movimentos negros brasileiros entre 1977 e 1988, buscando a relação entre Brasil e África por meio da história pessoal da historiadora e militante Beatriz Nascimento.

Os filmes feitos por cineastas negros não apenas retratavam a realidade e as experiências da população negra brasileira, mas também buscavam romper com os estereótipos e representações preconceituosas que historicamente permearam o cinema nacional. Eles exploravam a diversidade de histórias e narrativas, ampliando o repertório cultural do cinema brasileiro. Esse crescimento do cinema negro foi um passo importante para a consolidação desse movimento no Brasil. Ele abriu caminho para que mais cineastas negros pudessem expressar suas visões e contar suas histórias, trazendo uma nova perspectiva para a produção cinematográfica brasileira e contribuindo para a construção de uma indústria mais diversa e inclusiva.

O cinema negro brasileiro enfrentou desafios significativos durante esse período, como a falta de recursos financeiros, a ausência de representatividade nas grandes produções e as dificuldades de acesso ao mercado cinematográfico. Apesar desses obstáculos, esses filmes conseguiram deixar um legado importante, abrindo caminho para a produção de filmes subsequentes e fortalecendo o cinema negro no Brasil. No entanto, o cinema negro brasileiro na década de 1990 foi marcado por uma efervescência e visibilidade para a comunidade negra. Essas produções ajudaram a colocar em pauta as questões raciais, sociais e culturais, contribuindo para a construção de uma representação mais diversa e inclusiva no cenário cinematográfico brasileiro.

Nos anos seguintes, destacaram-se dramas significativos como *Café com Canela* (2017), adentrando também no cenário negro LGBTQ+, com *Bixa Travesty* (2018) e *Sócrates* (2018). Mais recentemente, houve outros lançamentos como *Medida Provisória* (2020),

dirigido por Lázaro Ramos, e *Marte Um* (2022), de Gabriel Martins, que se destacaram inspirando reflexões profundas sobre diversidade e representatividade.

O legado desses filmes é notável, abrindo caminho para cineastas negros expressarem suas visões e contarem suas histórias. Mesmo diante das adversidades, o cinema negro brasileiro é um testemunho da resistência e busca por uma indústria cinematográfica mais justa e representativa.

2.2.2. Cinema negro de Hollywood

A representação equivocada e racista dos negros na cultura também não foi diferente em Hollywood. Durante essa época, era extremamente difícil, senão impossível, para atores negros conseguirem papéis nas telas, resultando na anulação de suas vozes e identidades. Alguns dos exemplos em que atores brancos utilizavam blackface são Al Jolson em *O Cantor de Jazz* (1927) e Judy Garland em *Babes in Arms* (1939). Mesmo personagens originalmente negros, como Othello, de William Shakespeare, eram interpretados por homens brancos, o que ocasionou na contribuição para a desumanização e negação da representatividade dos artistas negros.

Um outro forte exemplo é o filme *O Nascimento de uma Nação* (1915), do diretor D.W. Griffith, em que apresentava mensagens racistas que retratavam os negros, interpretados por atores brancos, como animais, ao mesmo tempo em que glorificava o grupo de ódio Ku Klux Klan. Embora tenha sido um sucesso de bilheteria e crítica na época, o longa marcou o início de um movimento de repressão contra a comunidade negra nos Estados Unidos ao longo do século.

Durante grande parte da história cinematográfica, tanto em Hollywood quanto no Brasil, os papéis destinados a atores negros eram frequentemente restritos e baseados em estereótipos, contribuindo para a perpetuação da ideia de que apenas os brancos eram capazes de definir a experiência negra. Esses estereótipos incluíam representações como o "Jim Crow", um homem negro retratado como submisso aos brancos, termo racista utilizado para descrever negros considerados intelectualmente inferiores. Além disso, essas limitadas representações se estendiam à figura da mulher negra que trabalhava para famílias brancas, desempenhando o papel da "Mammy" e cuidando das crianças. Essa prática cinematográfica contribuiu para a percepção distorcida e unilateral da diversidade de experiências dentro da comunidade negra.

Ao longo da história cinematográfica, as representações limitadas e estereotipadas dos atores negros contribuíram para uma visão negativa e desumanizadora da comunidade negra.

Mesmo diante desse desafio, homens e mulheres negras esforçaram-se para encontrar seu espaço em Hollywood, muitas vezes aceitando papéis que reforçavam estereótipos, na esperança de pavimentar o caminho para futuros talentos negros.

Como as aludidas empresas, muitas outras dirigidas por negros iniciaram a produção dos chamados “race movies” (“filmes de raça”), o que pode ser considerado como o nascimento do cinema negro estadunidense. Essa reação aos estereótipos e à quase ausência de atrizes e atores negros em Hollywood foi feita com recursos escassos e em circuitos paralelos, mas teve impacto especialmente nas comunidades afrodescendentes. (Pacheco *et all*, 2023, p. 10).

Um exemplo inicial de tentativa de quebrar esses padrões foi o filme *Aleluia* (1929), dirigido por King Vidor, que contou com um elenco inteiramente negro. Embora tenha sido um sucesso, o filme ainda reforçava estereótipos da época, gerando críticas do movimento negro. Nos anos seguintes, a atriz Hattie McDaniel tornou-se a primeira negra a receber um Oscar, em 1940, por seu papel em *E o Vento Levou...* (1939). Apesar de ter vencido a categoria de coadjuvante, a atriz e seu companheiro receberam pouca atenção dos fotógrafos e dos jornalistas no dia da premiação e ficaram isolados em uma mesa para dois no fundo do salão de festas onde rolou a cerimônia, porque era proibida a entrada de negros no local.

A trajetória para um reconhecimento mais significativo foi gradual, com Sidney Poitier tornando-se o segundo negro a ganhar um Oscar quase 25 anos depois, com o filme *Uma Voz na Sombra* (1963). O cenário começou a mudar na década de 1970 com o movimento “Blaxploitation”, “caracterizando-se pela representação mais real e autêntica da população negra, diferentemente dos padrões estereotipados das produções clássicas do cinema estadunidense” (Pacheco *et all*, 2023, p. 11). Esse movimento proporcionou uma representação mais diversificada dos negros no cinema, destacando mulheres como guerreiras e líderes, em contraste com estereótipos anteriores.

Essa era inspirou gerações subsequentes, apesar de abordar contextos sociais e políticos desafiadores. Enfrentando a supremacia branca em Hollywood, o movimento buscou criar um cinema autêntico, livre de estigmas e influências racistas. Embora muitos desses filmes tenham sido marginalizados na época, eles abriram caminho para cineastas negros e influenciaram trabalhos futuros, como o significativo *O Matador de Ovelhas* (1978), dirigido por Charles Burnett.

Nos anos seguintes, projetos como *Faça a Coisa Certa* (1989), de Spike Lee, abordaram questões atuais, como brutalidade policial. A consolidação desse movimento resultou em uma onda de projetos liderados por pessoas negras, incluindo sucessos como

Mudança de Hábito (1992), *Bad Boys* (1995) e *Duelo de Titãs* (2000), apresentando e consagrando atores geniais que continuam inspirando outras gerações e trabalhando em Hollywood. Dentre eles estão: Will Smith, Danny Glover, Samuel L. Jackson, Denzel Washington, Viola Davis, Octavia Spencer, Regina King e Halle Berry - a única mulher negra a vencer na categoria de melhor atriz do Oscar.

Embora tenha havido avanços, persistiram estereótipos prejudiciais, como a representação do negro bem-humorado e malandro. Nos anos 2000, algumas produções restringiram a representação negra a papéis de escravos ou seguiram o conceito de "White Saver", onde personagens negros eram salvos por figuras brancas benevolentes, como exemplificado em *Um Sonho Possível* (2009).

A última década testemunhou um período, embora ainda menor, de destaque para o cinema negro em Hollywood. Dentre os cineastas que desempenharam papéis cruciais nesse cenário, destacam-se Spike Lee, Steve McQueen, Barry Jenkins, Jordan Peele, Ava DuVernay e Ryan Coogler.

Destacaram-se na última década filmes baseados em fatos reais ou adaptações de livros como, *12 Anos de Escravidão* (2013), *Selma* (2014), *Moonlight* (2016), *Se a Rua Beale Falasse* (2018) e *Infiltrado na Klan* (2018), o documentário que aborda o sistema carcerário do país em *13ª Emenda* (2016), filmes de herói negro como *Pantera Negra* (2018) e *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre* (2022) e até mesmo horror/sci-fi como *Corra!* (2018), *Nós* (2019) e *Não, Não Olhe* (2022).

Apesar dos últimos avanços, o desafio contínuo é romper com estereótipos prejudiciais e garantir que a diversidade de narrativas e experiências negras seja plenamente reconhecida e celebrada na indústria cinematográfica. O caminho percorrido até aqui é tanto um testemunho da resiliência dos artistas negros quanto um apelo para que a representação autêntica continue moldando o futuro do cinema.

3. Podcast

Há pouco mais de uma década, nasceu o gênero virtual conhecido como podcast, resultante da combinação das palavras "pod" (derivada do iPod, o tocador de MP3 da Apple) e "broadcast" (transmissão). Esse formato emergiu em 2004, sendo creditado a Adam Curry, o criador do primeiro agregador de podcasts. Essa designação refere-se a gravações em áudio disponibilizadas em programas na internet “[...] podcast pode contribuir significativamente para o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos aprendizes, em especial as habilidades de compreensão e produção oral” (Berto & Greggio, 2021. p. 185).

Esse gênero configura-se como uma forma de mídia para transmitir conteúdo em formato de áudio, semelhante ao rádio. No entanto, em contraste, o podcast está disponível para os ouvintes acessarem quando desejarem, permitindo pausar, voltar e ouvir quantas vezes forem necessárias. Essa mídia utiliza o Really Simple Syndication (RSS), traduzido como "transmissão realmente simples," que possibilita aos ouvintes receberem atualizações dos programas que desejam ouvir.

[...] é uma mídia sonora cuja difusão se dá por meio da internet. Entre suas características básicas estão o fato de dividir-se em episódios temáticos, o baixo custo da produção, a busca por uma linguagem mais simples e maior liberdade de temas e formas de abordagem” (Falcão & Temer, 2019, p. 1)

Essa forma de mídia pode ser acessada por meio de websites que oferecem podcasts, mas é mais comum que sejam ouvidos em smartphones através de aplicativos ou plataformas digitais de streaming de áudio, tais como Spotify, Castbox, Google Podcast, Apple Music, entre outros. “Dada sua natureza de produção e circulação, tornou-se mais que um gênero virtual informativo, passando a ser usado como ferramenta para o aprendizado de conteúdos em geral.” (Berto & Greggio, 2021. p. 185).

3.1 Podcast no Brasil

O podcast teve sua origem no Brasil com o trabalho de Danilo Medeiros, chamado Digital Minds, que teve início em 20 de outubro de 2004. Este programa emergiu do blog de mesmo nome, impulsionado pelo desejo do autor de se destacar dos blogs existentes na época. Mas o gênero se tornou popular uma década depois, em 2015, com o programa Projeto Humanos, idealizado por Ivan Mizanzuk, que trata sobre investigação de casos reais.

A partir dos anos subsequentes foram criados inúmeros programas de podcast até que o gênero tornou-se bastante consumido. De acordo com Falcão e Temer (2019), em maio de 2019, o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) divulgou que quatro em cada dez internautas brasileiros já ouviram podcast, o que corresponde a pelo menos 50 milhões de pessoas. Em contrapartida, cerca de um terço (32%) dos entrevistados ouvidos pela pesquisa alegaram não saber do que se trata o podcast.

3.2 Podcast como gênero jornalístico

Os podcasts oferecem uma excelente oportunidade para promover debates. Essa plataforma pode atuar como uma fonte valiosa de informação, permitindo que os ouvintes adentrem realidades até então desconhecidas. O crescente volume de conteúdo em áudio produzido por veículos jornalísticos destaca e reforça a relevância desse fenômeno.

Apesar de existirem podcasts alternativos no Brasil desde 2004, conforme relatado por Falcão e Temer (2019), o podcast como forma de jornalismo ganhou impulso ao ser integrado às programações de renomados jornais, como *O Estado de São Paulo* e a *Folha de São Paulo*. Em 2017 e 2018, ambos veículos lançaram espaços exclusivos para podcasts diários em seus portais online: a Folha apresentou o *Café da Manhã*, enquanto o Estadão lançou o *Estadão Notícias*.

O impacto positivo desse movimento foi evidenciado internacionalmente pelo caso do *The New York Times*, cujo podcast diário *The Daily*, iniciado em 2018, resultou em um aumento significativo nas assinaturas e nas receitas de publicidade online, com um aumento de 19%. É possível que essa descoberta do potencial publicitário tenha motivado os veículos de comunicação brasileiros a incorporarem mais amplamente o podcast em suas programações.

A linguagem envolvente dos podcasts, aliada à sua forma on demand de consumo, proporciona uma experiência personalizada aos ouvintes, que podem explorar temáticas específicas de seu interesse a qualquer momento. A escolha deste formato para o trabalho onde abordo o cinema negro, foi motivada pelo crescimento do podcast no Brasil, que se destaca como a nação com mais ouvintes, registrando uma expressiva taxa de 42,9%, conforme apontado por uma pesquisa realizada pelo DataReportal de 2023².

Essa característica favorece o consumo por nichos, permitindo que as audiências se aprofundem em conteúdos que ressoam com suas preferências. No entanto, vale ressaltar que, embora o podcast seja, em certa medida, uma opção mais prática de acesso, também

² Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2023-global-overview-report>

apresenta características de elitização. Sua utilização requer acesso à internet, e de acordo com dados do levantamento da TIC Domicílios de 2022³, aproximadamente 36 milhões de brasileiros não possuem tal acesso, no último ano.

A partir do podcast centrado no cinema negro pretendo ser uma plataforma valiosa para explorar diversos aspectos da experiência negra ao longo da história, bem como destacar o trabalho de cineastas, atores e profissionais negros na indústria cinematográfica. Como na cultura, discutir a representação da cultura negra no cinema, sua história, de como tem evoluído ao longo do tempo, além de também destacar filmes que abordam eventos históricos significativos e a influência. Sem deixar de fora o papel mais importante, o ativismo, abordando questões sociais, políticas e de justiça racial.

³ Disponível em:
https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20230825143348/resumo_executivo_tic_domicilios_2022.pdf

4. Descrição do Produto

Por se tratar de um material que vem sendo bastante consumido entre os jovens, optamos pela escolha do produto podcast. A decisão de falar sobre cinema negro veio pela junção de dois fatores, amor por filmes e por ser uma pessoa preta. Como pessoa negra que consome esse tipo de arte, ao longo da vida, percebi a diferença entre produções protagonizadas por pessoas brancas e aquelas com personagens negros, assim levando-me a debater essa questão. A escolha das fontes se deu por meio do próprio tema. Como o cinema negro é abordado, sentimos a necessidade de entrevistar pessoas pretas.

No primeiro episódio do podcast “Curta Negro”, exploramos as produções de profissionais negros no cinema do Brasil e do mundo, concentrando-se nos primórdios do cinema negro brasileiro, destacando como, ao longo do tempo, as vozes e visões negras foram marginalizadas na indústria cinematográfica. Explorando o surgimento desse cinema como expressão artística e política, o episódio aborda eventos históricos, como a primeira exibição cinematográfica no Brasil em 1896, e destaca desafios como o racismo presente na produção de filmes.

Ao introduzir importantes figuras do cinema negro brasileiro, como Antônio Pitanga, Léa Garcia e Zózimo Bulbul, o podcast reconhece seu papel fundamental na representatividade e no enfrentamento de estereótipos. O episódio também explora a relevância do movimento Cinema Novo nas décadas de 1960-1970, ressaltando sua influência na promoção da representatividade negra no cinema brasileiro. Entrevistas com especialistas, como a professora Ceíça Ferreira, proporcionam insights sobre a importância do cinema negro na cultura e história, destacando temas como identidade, pertencimento e resistência.

O episódio encerra com uma reflexão sobre a obra *Macunaíma* (1969) e suas limitações na representação de personagens negros, reconhecendo, no entanto, sua relevância histórica e uma entrevista Professora e pesquisadora do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Ceíça Ferreira.

No segundo episódio, exploramos o crescimento do cinema negro brasileiro na década de 1990, destacando cineastas como Zózimo Bulbul, Adélia Sampaio, Joel Zito Araújo e Cacá Diegues. Os filmes abordam temas como identidade negra, racismo e desigualdade social. Apesar dos desafios enfrentados, essas produções contribuíram para uma indústria cinematográfica mais diversa. O episódio também menciona filmes mais recentes, discutindo o estado atual do cinema negro no Brasil e a importância da representatividade. O

entrevistado, Eryk Ely, compartilha informações sobre a evolução das perspectivas e vozes dos cineastas negros.

No terceiro episódio abordamos a longa jornada da representação negra em Hollywood, desde o século XIX até os dias atuais. Explora as dificuldades enfrentadas por artistas negros, desde o blackface até a luta por papéis dignos, destacando momentos-chave, como a vitória de Hattie McDaniel no Oscar. Examina também movimentos como Blaxploitation e a influência de cineastas contemporâneos, como Spike Lee, Barry Jenkins, Jordan Peele, Ava DuVernay e Ryan Coogler. Conclui com uma reflexão sobre a mudança na indústria cinematográfica em relação à representação negra e uma fala concedida por Ceiza Ferreira.

No quarto e último episódio, abordamos o papel crucial do Cinema Negro na desconstrução de estereótipos e na promoção de uma representação autêntica da comunidade negra, explorando a evolução das representações no cinema, entrevistando pessoas negras com diferentes visões sobre a contribuição do cinema negro em suas vidas. Discussões incluem temas como identidade racial, representatividade LGBTQIA+, e desafios enfrentados pela indústria cinematográfica na promoção da diversidade. Os entrevistados compartilham filmes subestimados e expressam visões diversas sobre a efetividade da indústria na inclusão de cineastas e atores negros. O episódio conclui com reflexões sobre preferências pessoais e a necessidade contínua de explorar uma ampla variedade de temas no Cinema Negro.

Os episódios foram editados pelo jornalista Nilson Ribeiro Filho, do laboratório de rádio da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Eles possuem diferentes durações: o primeiro tem 21 minutos, o segundo 27, o terceiro 16 e o quarto 12. A variação nas durações dos episódios pode ser atribuída a diversos fatores, incluindo a quantidade de conteúdo disponível, a profundidade das discussões, a presença de entrevistas, segmentos específicos ou até mesmo pelo tempo corrido. Cada episódio aborda temas distintos, convida diferentes entrevistados ou explora assuntos com graus variados de complexidade, contribuindo assim para a variação no tempo de duração.

Nessa narrativa descontraída, entrelaçamos histórias do cinema negro com entrevistas, proporcionando uma experiência para o ouvintes. A média de tempo entre eles fica em torno de 19 minutos. Todas elas, são entrevistas exclusivas concedidas ao longo dos últimos meses de realização do trabalho.

Ao desenvolver este trabalho, dedicamos não apenas à produção, mas também à realização de uma pesquisa histórica abrangente. Explorei obras, artistas e trabalhos icônicos, mergulhando no contexto histórico para proporcionar uma abordagem enriquecedora. Esse

processo envolveu a análise cuidadosa de elementos que moldaram a criação, permitindo uma compreensão mais profunda e informada sobre o cinema negro.

O resultado final deste esforço será disponibilizado em plataformas de áudio. Em breve, o produto será apresentado em um canal específico do projeto, proporcionando aos interessados uma experiência auditiva única e acessível.

5. Diário de Produção

5.1. Justificativa da temática abordada no trabalho

Ao iniciar a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I (TCCI), ficou claro para mim o desejo de me envolver na produção de um podcast com foco em filmes protagonizados, dirigidos, roteirizados e produzidos por pessoas negras, intitulado "Cinema Negro". A escolha desse formato se deve à sua praticidade de produção, facilidade de distribuição e ao crescente interesse pelo consumo desse tipo de conteúdo no Brasil. Durante esse processo, foram exploradas diversas questões para estabelecer as bases do tema e o formato do trabalho. O resultado pode ser conferido na série de podcasts "Curta Negro", que aborda temas centrais como a introdução do cinema negro brasileiro, produções hollywoodianas, as questões de racismo e invisibilidade enfrentadas por pessoas negras, além do consumo desse cinema.

5.2. Referencial teórico e definição da temática

A definição do tema e o referencial teórico passou-se entre os meses de fevereiro a maio de 2023, durante a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I (TCC I). O tema, Cinema Negro, foi definido ainda no primeiro dia de orientação, no mês de fevereiro, enquanto o referencial foi sendo disponibilizado nas orientações seguintes, dentre os meses de fevereiro a maio. Durante as reuniões com o professor Rogério Borges, conversamos sobre possíveis fontes que poderiam contribuir para o projeto. Foi um período de muitos debates sobre o trabalho e o aprendizado.

5.3. Elaboração do roteiro

Após o retorno das aulas e início do segundo semestre (2023-2), durante as reuniões de Trabalho de Conclusão de Curso I (TCC II), pautamos a produção prática do trabalho. Ficou definido que seria um material de áudio, no formato de podcast. Nessa fase, entre agosto e setembro foi realizada a divisão dos episódios, organização das temáticas que resultaram nos roteiros e entrar em contato com as fontes por enquanto. Mas enquanto isso, tentamos entrar em contato com diversas fontes, seja elas pesquisadores de cinema, como também artistas que fizeram parte do cinema novo e desse movimento que mudou o cinema negro brasileiro, como as atrizes, Lea Garcia e Zezé Motta, portanto, por divergências de agenda, não conseguiram contribuir com o projeto.

5.4. Contato com as fontes

Após a definição do roteiro e a divisão dos episódios, entrei em contato com as fontes durante os meses de outubro e novembro, por está muito próximo do prazo da entrega foi necessário que algumas delas fossem realizadas por áudios enviados via WhatsApp, sendo assim, uma única entrevista foi realizada por ligação via Google Meet. Entrei em contato com sete pessoas, sendo que apenas cinco conseguiram me responder até o momento da finalização do projeto.

5.5. Gravação e edição

Após a gravação das entrevistas, decupagem e escrita dos roteiros, eu comecei com o processo de gravação (OFFs dos episódios do podcast), realizado na minha própria, pois como já estava próximo a entrega do trabalho não consegui realizar laboratório de rádio do Campus V da PUC Goiás.. Ainda na época, também foi gravada e editada a vinheta do Trabalho (abertura). O processo de edição do produto foi realizado pelo técnico de rádio da PUC Goiás, o jornalista Nilson Ribeiro Filho.

5.6. Lista de entrevistados

1) Nome completo: Conceição de Maria Ferreira Silva (Ceíça Ferreira)

Profissão: Professora e pesquisadora do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás – UEG.

Data da entrevista: 19/10/23 - Google Meet

2) Nome completo: Juan dos Santos Sousa

Profissão: Vestibulando

Data da entrevista: 25/10/23 - Áudio via WhatsApp

3) Nome completo: Rodrigo Fumaça

Profissão: Jornalista e apresentador

Data da entrevista: 26/10/23 - Áudio via WhatsApp

4) Nome completo: Vitor Manoel Evangelista

Profissão: Estudante de cinema e audiovisual na Universidade Federal do Mato-Grosso (UFMT)

Data da entrevista: 26/10/23 - Áudio via WhatsApp

5) Nome completo: Erik Ely

Profissão: Realizador audiovisual, bacharel em Cinema e Audiovisual pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) e membro do Movimento Negro Unificado (MNU).

Data da entrevista: 10/11/23 - Áudio via WhatsApp

Considerações finais

O Cinema Negro tem explorado uma ampla variedade de temas ao longo dos anos, mas ainda há espaço para a exploração de concepções adicionais. Muitos desejam ver uma maior abordagem de temas como identidade queer negra, questões de saúde mental, e muito mais, pois a diversidade de histórias é infinita. Ao mesmo tempo, é crucial abordar as questões de racismo e invisibilidade do cinema negro no Brasil e no mundo, reconhecendo que estas são pautas que merecem mais atenção até chegarmos a um ponto em que isso não seja mais um problema.

Apesar dos progressos notáveis que a indústria cinematográfica fez na promoção da diversidade e inclusão, há um consenso de que ainda há muito a ser feito. O reconhecimento e apoio a talentos negros devem ser uma prioridade constante, com muitos acreditando que uma mudança sistêmica é necessária para garantir igualdade de oportunidades para cineastas e atores negros. Essa evolução é essencial para proporcionar uma representação mais autêntica e inclusiva no mundo do cinema.

Conforme defendido por Djamila Ribeiro em seu livro *Pequeno Manual Antirracista* (2019), é imperativo que, ao assistir a um filme ou novela, dediquemos um momento para refletir sobre a presença ou ausência de atores e atrizes negros. Deve-se questionar quantas pessoas negras estão representadas na obra e quais personagens elas estão interpretando. Essa prática se estende a qualquer produto cultural: ao visitar uma exposição de arte, participar de uma festa literária, assistir a um debate sobre poesia, ler um livro ou folhear uma revista.

Para aqueles que têm o poder de contratar profissionais da cultura ou investir em projetos culturais, é fundamental refletir sobre as escolhas feitas para a equipe e os temas abordados. A pergunta crucial a se fazer é: "Estou fazendo o que está ao meu alcance para contribuir com a luta antirracista?" Essa auto análise é essencial para promover uma representação mais justa e inclusiva em todos os aspectos da cultura e da sociedade.

Esse foi um dos principais motivos que me levaram a escolher esse tema, o qual, de certa forma, se revelou muito gratificante de explorar, especialmente por meio de um podcast, um formato em crescente ascensão. Minha expectativa é que, por meio deste projeto, a discussão em torno do cinema protagonizado, dirigido, escrito e produzido por pessoas negras possa incentivar um diálogo mais amplo sobre a inclusão de talentos negros na indústria de contar histórias.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Sílvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BERTO, Elisângela de Fátima; GREGGIO, Saionara. **As potencialidades do gênero podcast no desenvolvimento e aprimoramento da habilidade de compreensão oral na aprendizagem de língua inglesa**. Ilha do Desterro [online]. 2021, v. 74, n. 3, (p. 183-203). Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/2175-8026.2021.e79454>>. Epub 05 Jan 2022. ISSN 2175-8026. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2021.e79454>. Acesso em: 27 de novembro de 2023.

CARVALHO, Noel Dos Santos.; DOMINGUES, P. A representação do negro em dois manifestos do cinema brasileiro. Estudos Avançados. São Paulo. v. 31, n. 89, 2017. (p. 377–394)..

CARVALHO, Noel dos Santos. Racismo e anti-racismo no Cinema Novo. In: Esther Hamburger, Gustavo Souza, Leandro Mendonça, Túnicio Amancio. (Org.). **Estudos de Cinema SOCINE**. São Paulo: Anablume, 2008, v., p. 53-60. Disponível em: <https://associado.socine.org.br/anais/2014/14146/noel_dos_santos_carvalho/o_cinema_negro_da_decada_de_70> Acesso em: 27 de novembro de 2023.

DONINI, B. Barbara. Cinema branco e Cinema Negro: a branquitude estética no cinema nacional. [s.l: s.n.] **Revista Tempo Amazônico**, Santa Catarina, 2021. (p. 14) Disponível em: <https://www.ap.anpuh.org/download/download?ID_DOWNLOAD=2180>. Acesso em: 27 nov. 2023.

FALCÃO, Bárbara Mendes; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **O podcast como gênero jornalístico**. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Belém/PA: 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2019. v. 1367-1, p. 1-14. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1367-1.pdf>. Acesso em: 27 de novembro de 2023.

GANZER, S. K.; RIBEIRO DA SILVA, J. M.; HERMES, M. F. **A representação do negro no cinema brasileiro**. Santa Catarina. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2019. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0574-2.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2023.

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. **O podcast no Brasil e no mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais**. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Caxias do Sul/RS: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010. v. XXX, p. 1-15. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-0302-1.pdf>. Acesso em: 27 de novembro de 2023.

LUIS, Luis. **25.000 anos de cinematografia no Vale do Côa**: a arte paleolítica nas origens do Cinema. Argumento, 12-16. Lisboa. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/43230/1/25.000_anos_de_cinematografia_no_Vale_do.pdf> Acesso em: 27 de novembro de 2023.

PACHECO, E. de S. *et all*. Cinema negro e educação antirracista: práticas educativas, memórias e oralidades - **Revista Pemo**, [S. l.], v. 5, p. 27, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/10862>. Acesso em: 26 nov. 2023.

PRUDENTE, Celso Luiz; ALMEIDA, Rogério de. **Cinema negro: uma revisão crítica das linguagens**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, 2022. Disponível em: www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/946 . Acesso em 26 novembro. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SODRÉ, Muniz **O fascismo da cor : uma radiografia do racismo nacional**. Petrópolis: Vozes, 2023.

SOUZA, D. M. de; SCHENATO, S. A questão étnico-racial do cinema de Hollywood no ensino de história: uma experiência de estágio na educação de jovens e adultos. **Revista Polyphonia**. Goiânia, v. 29, n. 1, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/53655>. Acesso em: 27 nov. 2023.

Anexos

Anexo 1

ROTEIRO DO EPISÓDIO 1

VINHETA

LOC: Olá, ouvinte, tudo bem? / Meu nome é Fabio Augusto e este é o podcast Curta Negro, que faz uma viagem pelas produções de profissionais negros e negras no cinema do Brasil e do mundo / Neste episódio, vamos conhecer um pouco sobre o início do cinema negro brasileiro

SOBE BG

LOC: O cinema brasileiro é amplamente reconhecido por sua diversidade e capacidade de retratar a complexidade da sociedade do país / No entanto, por um longo período de tempo, as vozes e concepções negras na indústria cinematográfica foram marginalizadas e sub-representadas / Embora tenha havido um movimento crescente nas últimas décadas para confrontar essa situação, impulsionando a produção e valorização do cinema negro brasileiro, é evidente que esse desafio ainda não foi plenamente superado em um país onde mais da metade da população é negra.

SOBE BG

LOC: O cinema negro brasileiro surge como uma forma de expressão artística e política que busca romper com estereótipos e dar voz às experiências e narrativas das pessoas negras no país, tanto aquelas que estão na frente quanto atrás das câmeras / Ao explorar temas como racismo, identidade, ancestralidade e resistência, esse cinema tem se estabelecido como uma forma poderosa de contar histórias, promover reflexões e a representatividade no cenário audiovisual brasileiro.

SOBE BG

LOC: Existem registros que apontam que a primeira exibição cinematográfica no Brasil aconteceu em 1896, na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro / Nos anos seguintes, surgiu a primeira produção nacional intitulada Vista da Baía de Guanabara (1898), dirigida pelo cinegrafista Alfonso Segreto / Embora esse curta-metragem nunca tenha sido exibido, a data de seu lançamento, 19 de junho, é considerada o Dia do Cinema Brasileiro.

SOBE BG

LOC: O cinema brasileiro ganhou ainda mais destaque ao expandir-se para outras capitais, como Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre, a partir de 1920 / No entanto, desde os primórdios da indústria cinematográfica, o racismo manifestou-se de maneira retrógrada, influenciando a produção de filmes.

SOBE BG

LOC: Um exemplo disso pode ser observado na revista Cinearte, que foi a principal publicação durante o período do cinema mudo / Essa revista refletia os valores e visões predominantes da época, muitas vezes perpetuando estereótipos raciais e marginalizando a população negra / Essas questões também afetaram os primeiros filmes sonoros, inclusive o trabalho de Humberto Mauro, um dos principais diretores brasileiros da primeira metade do século XX.

SOBE BG

LOC: Em um período posterior, cerca de 10 anos depois, surgiu o primeiro estúdio cinematográfico brasileiro, o "Cinédia" / Essa iniciativa marcou uma mudança significativa na indústria cinematográfica nacional, profissionalizando e alterando a forma de produção dos filmes / No entanto, mesmo nesse período de desenvolvimento, o racismo ainda estava presente e influenciava as produções.

SOBE BG

LOC: Com a introdução do som nos filmes, o estúdio "Cinédia" passou a investir em comédias musicais no estilo hollywoodiano / Embora essas produções tenham trazido inovações técnicas e um novo formato de entretenimento para o público, é importante ressaltar que a representação e inclusão da população negra nessas obras ainda eram limitadas e muitas vezes estereotipadas.

SOBE BG

LOC: Na década de 1940, surgiram novos estúdios no país, como a companhia "Atlântida Cinematográfica", que ganhou fama através de um novo tipo de comédia chamada "Chanchada", caracterizada por um humor ingênuo, burlesco e popular.

SOBE BG

LOC: Em 1949, foi fundada a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, em São Bernardo do Campo, São Paulo / A empresa tinha como objetivo afastar-se das produções populares da época e investir em um modelo semelhante ao de Hollywood / No entanto, devido aos altos custos, o estúdio acabou falindo / Devido a

essa insatisfação com o modelo norte-americano, os cineastas buscaram criar um cinema tradicional brasileiro, dando origem ao movimento conhecido como Cinema Novo (1960-1972).

LOC:

SOBE BG

LOC: Com o lema "Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça", os cineastas brasileiros moldaram o movimento do Cinema Novo, baseado nas fórmulas e padrões do Neorealismo Italiano e da Nouvelle Vague Francesa / O Neorealismo era caracterizado pela abordagem de temas relacionados à classe trabalhadora, explorando questões econômicas e sociais, enquanto a Nouvelle Vague representava uma nova estética cinematográfica.

SOBE BG

LOC: O Cinema Novo foi dividido em três fases, cada uma com características distintas em termos de tema, estilo e assunto abordado / Na primeira fase (1960-1964), os filmes focalizavam problemas sociais como violência, fome, desigualdade social e alienação religiosa / Um exemplo notável desse período é o filme Bahia de Todos os Santos (1960), que retratava a realidade do Nordeste brasileiro e se tornou uma referência importante dentro desse ciclo.

SOBE BG

LOC: Durante essa fase, surgiram as primeiras produções cinematográficas que abordavam a temática racial no Brasil, desempenhando um papel fundamental na representação das questões relacionadas à população negra / Destacam-se filmes notáveis como Barravento (1962), dirigido por Glauber Rocha, que acompanha a história de Firmino, interpretado por Antônio Pitanga, um negro educado que retorna à aldeia de pescadores onde foi criado, buscando libertar o povo do domínio da religião e crenças antigas.

SOBE BG

LOC: Outro filme importante é Ganga Zumba (1964), dirigido por Caca Diegues, que conta a história do neto de Zumbi dos Palmares, Ganga Zumba, que nasceu na senzala e gradualmente toma consciência da história de lutas de seu povo, fugindo do cativeiro e assumindo o papel anteriormente ocupado por seu avô / O longa foi estrelado por Antônio Pitanga, Léa Garcia e Zózimo Bulbi, nomes gigantesco quando se trata de cinema nacional.

SOBE BG

LOC: Pitanga é reconhecido como uma das figuras mais importantes do cinema nacional, destacando-se por sua versatilidade, talento e engajamento em projetos cinematográficos relevantes / Ele iniciou sua carreira artística nos anos 1960, período marcado pela efervescência cultural e política do movimento do Cinema Novo no Brasil /

SOBE BG

LOC: Ao longo de sua trajetória, Pitanga atuou em uma ampla variedade de papéis em produções cinematográficas, teatrais e televisivas / Seu talento e carisma o tornaram um dos atores mais respeitados e admirados do país / Ele trabalhou com alguns dos diretores mais renomados do cinema brasileiro, incluindo Glauber Rocha, Cacá Diegues e Joaquim Pedro de Andrade / Entre os filmes mais importantes de sua carreira estão Barravento (1962), Ganga Zumba (1964), Quando o Carnaval Chegar (1972), A Idade da Terra (1980) Quilombo (1984) e O Homem que Desafiou o Diabo (2007).

SOBE BG

LOC: Além de sua carreira no cinema, Pitanga também se dedicou ao teatro e à televisão, participando de diversas produções de destaque / Ele é conhecido por seu compromisso com a arte e com as questões sociais, usando sua voz e influência para promover a diversidade, a igualdade e a justiça.

SOBE BG

LOC: Essas produções pioneiras exploraram de forma impactante a história e a cultura negra no Brasil, trazendo personagens negros como protagonistas e abordando temas relacionados à herança africana e à resistência / Esses filmes abriram caminho para uma representatividade mais significativa no cinema nacional, embora ainda limitada.

SOBE BG

LOC: Já a atriz Léa Garcia é amplamente reconhecida por seu talento notável, versatilidade e contribuição para a indústria cinematográfica brasileira / Ela iniciou sua carreira na década de 1950, em um momento em que as oportunidades para atores negros eram escassas na indústria / Apesar dos desafios e da representação limitada, ela lutou para conquistar avanços significativos, tornando-se pioneira para atrizes negras no país.

SOBE BG

LOC: Ao longo de sua extensa carreira, Léa demonstrou seu talento como atriz em filmes, teatro e produções televisivas / Ela colaborou com alguns dos diretores mais celebrados do Brasil e trabalhou em projetos que abordaram questões sociais e refletiram a diversidade da sociedade brasileira.

SOBE BG

LOC: Uma de suas aparições notáveis no cinema inclui o filme Orfeu Negro (1959) dirigido por Marcel Camus vencedor do Oscar de melhor filme estrangeiro em 1960 / A partir do papel, a atriz foi indicada ao prêmio de melhor interpretação feminina no Festival de Cannes / Alguns dos principais filmes de que ela participou foram: Os bandeirantes (1960), O Forte (1974), Cruz e Sousa, poeta do Desterro (1998), Orfeu (1999) e Filhas do Vento (2005) / As poderosas performances de Léa renderam-lhe reconhecimento crítico, consolidando sua reputação como uma atriz talentosa e respeitada.

SOBE BG

LOC: Além de suas contribuições para a indústria cinematográfica, Léa Garcia também esteve envolvida em ativismo e causas sociais / Ela utilizou sua plataforma e influência para advogar pela igualdade racial e pelos direitos de comunidades marginalizadas no Brasil.

SOBE BG

LOC: Apesar de ter falecido recentemente, em 15 de agosto de 2023, Léa permanece uma figura influente no cinema brasileiro, sendo um símbolo de resiliência e excelência artística / Seu legado continua a inspirar atores e atrizes aspirantes, enquanto suas contribuições para a indústria e sua defesa da justiça social ressoam junto ao público.

SOBE BG

LOC: Enquanto Zózimo Bulbul, falecido no dia 23 de janeiro de 2013, é reconhecido como um dos grandes ícones do cinema negro brasileiro e uma importante figura na luta pela representatividade e igualdade racial no audiovisual.

SOBE BG

LOC: Iniciou sua carreira artística na década de 1960, participando de produções do Cinema Novo, atuando em filmes como Terra em Transe (1967) e O Bravo Guerreiro (1968).

SOBE BG

LOC: Além de ator, Zózimo também se aventurou na direção e produção cinematográfica / Ele dirigiu e atuou o filme, Abolição (1988), que aborda a temática da escravidão no Brasil e recebeu grande reconhecimento internacional.

SOBE BG

LOC: Ao longo de sua carreira, Zózimo enfrentou desafios e obstáculos devido ao preconceito racial presente na indústria cinematográfica brasileira / No entanto, ele se destacou por seu talento e determinação, tornando-se um símbolo de resistência e inspiração para os artistas negros.

SOBE BG

LOC: Zózimo Bulbul também foi um ativista social e cultural, engajado na luta contra o racismo e na promoção da igualdade de direitos para a população negra / Ele foi cofundador do Centro Afro-Carioca de Cinema e atuou como diretor do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO).

SOBE BG

LOC: Seu legado artístico e ativismo social deixaram uma marca na história do cinema brasileiro e continuam a influenciar gerações de artistas e ativistas / Zózimo Bulbul foi um pioneiro e um importante defensor da representatividade e valorização da cultura negra no Brasil.

SOBE BG

LOC: Na segunda fase (1964-1968), durante a Ditadura Militar, houve uma descrença em relação ao Cinema Novo, que prometia proteger os direitos civis, mas não conseguiu defender a democracia / Nesse período, as produções cinematográficas focaram em analisar o populismo, o desenvolvimentismo e os intelectuais de esquerda, como forma de resistência à política da época / Filmes como O Desafio (1965), de Paulo César Saraceni, o já citado Terra em Transe (1967), de Glauber Rocha, e O Bravo Guerreiro (1968), de Gustavo Dahl, se destacaram/ Após esse período, a predominância do discurso político engajado perdeu força na produção cinematográfica.

SOBE BG

LOC: Essa transformação reflete a eficácia das medidas de censura e repressão impostas pela ditadura militar / Como resultado, a crítica contundente e direta presente nas produções anteriores deu lugar à representação de um Brasil caracterizado por sua exuberância e elementos culturais distintos.

SOBE BG

LOC: Na terceira e última fase do Cinema Novo (1968-1972), os cineastas se aproximaram cada vez mais do movimento Tropicalista, trazendo uma abordagem que também valorizava a presença indígena em suas produções / Com um olhar mais profissional e uma maior exploração da cultura brasileira, esses produtores retomaram o foco original do movimento, que era retratar a vida e representação de personagens marginalizados, bem como abordar os problemas sociais do Brasil.

SOBE BG

LOC: Durante esse período, surgiram filmes emblemáticos, como Macunaíma (1969), dirigido por Joaquim Pedro de Andrade / Baseado na obra de Mário de Andrade e protagonizado por um grande nome do cinema negro da época, Grande Otelo, o longa misturava elementos da cultura popular, folclore e surrealismo, retratando a jornada do personagem principal, Macunaíma, um herói preguiçoso, negro e sem caráter que vive diversas aventuras pelo Brasil / Embora o filme abordasse temas como identidade nacional, misticismo e crítica social, apresentando uma visão singular e satírica da sociedade brasileira, ele também era marcado por estereótipos exagerados comuns na época, retratando homens negros como caricatos, preguiçosos e de caráter duvidoso.

SOBE BG

LOC: Mas e aí? Qual é a importância do movimento do Cinema Novo na promoção da representatividade negra no cinema brasileiro? / Hoje, tenho o privilégio de conversar com uma especialista no assunto, com a minha entrevistada, Ceiza Ferreira / Ela é professora e pesquisadora do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás, Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília e dedica-se incansavelmente ao ensino, pesquisa e extensão nas áreas de comunicação e cultura, com foco especial em raça, gênero e sexualidades no cinema e no audiovisual.

SOBE BG

Sonora: “Ah, o cinema novo foi muito importante sim (00:00) - fazendo essa discussão da sociedade brasileira (2:17)

SOBE BG

LOC: O Grande Otelo iniciou sua carreira artística nos cassinos cariocas na década de 1940, além de participar do Teatro de Revista / Ganhou destaque no cenário cinematográfico brasileiro, atuando em várias comédias nas décadas de 1940 e

1950, muitas vezes em parceria com Oscarito, outro renomado ator cômico da época.

SOBE BG

LOC: Em 1942, teve a oportunidade de trabalhar com o cineasta norte-americano Orson Welles no filme *It's All True* (1942) / Ao longo de sua carreira, Grande Otelo também fez parceria com a atriz Vera Regina em filmes e espetáculos musicais durante a década de 1950.

SOBE BG

LOC: Entre as décadas de 1960 e 1980, ele participou de várias telenovelas da TV Globo, desempenhando principalmente papéis cômicos / Um de seus maiores sucessos nesse período foi sua atuação na novela *Feijão Maravilha* (1979) / Também participou do programa humorístico *A Escolinha do Professor Raimundo* nos anos 90, comandado por Chico Anysio.

SOBE BG

LOC: Como citado anteriormente, Grande Otelo teve um papel de destaque como protagonista na versão cinematográfica de *Macunaíma*, obra de Mário de Andrade, lançada em 1969, sendo esse um divisor de águas em sua carreira / Alguns dos principais filmes em que o ator participou incluem *Noites Cariocas* (1935), *Onde estás, felicidade* (1939), *Tristezas não pagam dívidas* (1944), *Segura esta mulher* (1946), *Assalto ao trem pagador* (1962) e *Brasa adormecida* (1986) / Na televisão, destacam-se suas participações em novelas como *Uma rosa com amor* (1972), *Bravo!* (1975/76), *Sinhá Moça* (1986) e *Renascer* (1993).

SOBE BG

LOC: Agora a Ceiça irá descrever sobre a importância do cinema negro na história do cinema e na cultura em geral

SOBE BG

Sonora: "A gente tem quando fala de cinema negro brasileiro... - (0:00) - para que as pessoas possam se identificar com essas histórias (2:12)

SOBE BG

Por fim, Ceiça relata um pouco sobre alguns dos principais temas e elementos que distinguem o cinema negro de outras formas de cinema

Sonora: “Se a gente for pensar assim em temas (0:00) - eu acho que seria uma característica, essa ideia de pertencimento (3:40)

SOBE BG

LOC: Este episódio fica por aqui, mas no próximo daremos continuidade abordando o Movimento do Cinema Negro Brasileiro

ROTEIRO DO EPISÓDIO 2

VINHETA

LOC: Olá, ouvinte, tudo bem? / Meu nome é Fabio Augusto e este é o podcast Curta Negro, que faz uma viagem pelas produções de profissionais negros e negras no cinema do Brasil e do mundo / Neste episódio, vamos comentar sobre Movimento do Cinema Negro Brasileiro

SOBE BG

LOC: Na década de 1990, ocorreu um notável crescimento do cinema negro no Brasil, caracterizado por uma maior representatividade e visibilidade dos cineastas negros e suas obras / Nesse período, diversos filmes foram produzidos, abordando temáticas relacionadas à identidade negra, racismo, desigualdade social e lutas por direitos.

SOBE BG

LOC: Esse crescimento do cinema negro foi impulsionado pelo fortalecimento dos movimentos sociais negros, que reivindicavam uma maior representação e espaço para as vozes negras no cenário cinematográfico brasileiro / Cineastas como Zózimo Bulbul, Adélia Sampaio e Joel Zito Araújo foram pioneiros, trazendo uma nova perspectiva para a produção cinematográfica no país.

SOBE BG

LOC: Alguns exemplos notáveis dessa época incluem Quilombo (1984), dirigido por Cacá Diegues, Abolição (1988), de Zózimo Bulbul, e Amor Maldito (1984), de Adélia Sampaio, que foi o primeiro filme dirigido, escrito e produzido por uma mulher negra no Brasil, embora tenha sido protagonizado por mulheres brancas /

SOBE BG

LOC: Os filmes feitos por cineastas negros não apenas retratavam a realidade e as experiências da população negra brasileira, mas também buscavam romper com os estereótipos e representações preconceituosas que historicamente permearam o cinema nacional.

SOBE BG

LOC: Esse crescimento do cinema negro na década de 1990 foi um passo importante para a consolidação desse movimento no Brasil / Ele abriu caminho para que mais cineastas negros pudessem expressar suas visões e contar suas histórias.

SOBE BG

LOC: O cinema negro brasileiro enfrentou desafios significativos durante esse período, como a falta de recursos financeiros, a ausência de representatividade e as dificuldades de acesso ao mercado cinematográfico / Apesar desses obstáculos, esses filmes conseguiram deixar um legado importante, abrindo caminho para a produção de filmes subsequentes e fortalecendo o cinema negro no brasileiro.

SOBE BG

LOC: No entanto, apesar dos obstáculos o cinema negro brasileiro na década de 1990 foi marcado por uma efervescência e visibilidade para a comunidade negra, como Caminho dos Sonhos (1998) de Luca Amberg, Cruz e Sousa - O Poeta do Desterro (1998), de Sylvio Back e Orfeu (1999), de Cacá Diegues, protagonizado pelo ator e cantor Toni Garrido.

SOBE BG

LOC: Nos anos subsequentes, diversos filmes protagonizados por pessoas negras alcançaram destaque, como "Madame Satã" (2002), que narra a história verídica de João Francisco dos Santos, um homossexual negro e ex-presidiário / O filme, estrelado por Lázaro Ramos, entrou na lista dos 100 melhores filmes brasileiros de todos os tempos, compilada pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine).

SOBE BG

LOC: Ainda em 2002, e possivelmente o mais conhecido dos citados, temos Cidade de Deus. Este filme, com quatro indicações ao Oscar nas categorias de melhor diretor, roteiro adaptado, edição e fotografia, aborda o crescimento do crime organizado no Rio de Janeiro e a violência que assola a vida da população em comunidades.

SOBE BG

LOC: Em 2004, surge *Filhas do Vento*, um longa-metragem dirigido por Joel Zito Araújo e estrelado por Ruth de Souza, Léa Garcia e Taís Araújo / A trama retrata as relações familiares e o reencontro de quatro mulheres em Lavras Novas, interior de Minas Gerais, destacando o racismo e os vestígios da escravidão em uma pequena cidade onde a maioria negra.

SOBE BG

LOC: Em 2007, *Ó Paí, Ó* chegou aos cinemas, contando a história de 12 personagens que vivem em um cortiço no Pelourinho, em Salvador, durante o Carnaval / Além de capturar a animação e euforia do centro histórico da cidade baiana, o filme também aborda o contraste social e a pobreza que permeiam a região.

SOBE BG

LOC: Dez anos mais tarde, sob a direção de Glenda Nicácio e Ary Rosa, e com a atuação de Valdinéia Soriano, *Café com Canela* emerge como um poderoso drama que relata a jornada de uma mulher confrontando a perda do filho e o fim do seu casamento / Lançado em 2017, esse filme não apenas capta a essência da superação, mas também se destaca como o primeiro longa-metragem nacional de ficção dirigido por uma mulher negra em 34 anos.

SOBE BG

LOC: No cenário negro LGBTQ+, *Bixa Travesty* (2018), dirigido por Claudia Priscilla e Kiko Goifman, se destaca com uma imersão fascinante na vida da cantora transexual Linn da Quebrada / Além de desconstruir estereótipos relacionados a gênero, classe e raça, o filme conquistou o prestigioso Teddy Award de Melhor Documentário no Festival Internacional de Cinema de Berlim.

SOBE BG

LOC: Outra expressiva obra no mesmo contexto é *Sócrates* (2018), dirigido por Alex Moratto. Este filme apresenta a vida de um jovem gay, negro e de baixa renda, que, após a morte da mãe, enfrenta desafios burocráticos e a falta de recursos financeiros / Com três indicações no Spirit Award, conhecido como o Oscar do cinema independente, "*Sócrates*" destaca-se por retratar as lutas de uma comunidade frequentemente marginalizada.

SOBE BG

LOC: Sob a direção de Jeferson De, Correndo Atrás conta a história de Paulo Ventania, um ex-jogador de futebol que decide retornar ao mercado esportivo ao conhecer Glanderson, um jovem atleta / Lançado em 2018, o filme destaca-se por seu elenco e produção predominantemente negros, oferecendo uma narrativa que vai além do campo esportivo, explorando temas sociais e culturais.

SOBE BG:

LOC: Mas e aí? Como as concepções e vozes dos cineastas negros têm evoluído ao longo do tempo, e qual é o estado atual do cinema negro? / Para responder essa pergunta, o meu entrevistado de hoje, Eryk Ely, responde / Ele que é realizador audiovisual, bacharel em Cinema e Audiovisual pela Universidade Estadual de Goiás e mestrando em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás / Além possuir ênfase em estudos que abordam masculinidades negras no cinema brasileiro e documentário.

SOBE BG

Sonora: “Eu acho que a gente tá numa constante evolução... (00:00) - essas pessoas devem esta em destaques de que elas estão fazendo cinema (04:18)

SOBE BG

LOC: Entre os lançamentos cinematográficos mais recentes, destaca-se Medida Provisória (2020), dirigido por Lázaro Ramos e estrelado por Taís Araújo, Seu Jorge e Alfred Enoch / O filme mergulha em um futuro distópico, no qual o governo brasileiro decreta uma medida provisória como uma iniciativa de reparação pelos horrores do passado escravocrata / Essa decisão provoca uma reação intensa no Congresso Nacional, que, por sua vez, aprova uma medida que obriga os cidadãos negros a migrarem para a África, buscando um retorno às suas raízes / Apesar de receber 15 indicações ao Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, o longa garantiu a vitória na categoria de Melhor Atriz Coadjuvante, conferida a Adriana Esteves.

SOBE BG

LOC: Outro destaque relevante é Marte Um, uma obra escrita e dirigida por Gabriel Martins / A trama segue a jornada inspiradora de um jovem negro de classe média baixa que tem o sonho se tornar astrofísico / Após sua estreia no Festival Sundance de Cinema em janeiro de 2022, o filme transcendeu fronteiras ao ser apresentado em diversos festivais, conquistando quatro prestigiosos prêmios no Festival de Cinema de Gramado, incluindo o cobiçado Prêmio Especial do Júri.

SOBE BG

LOC: Além disso, a produção foi contemplada com oito troféus no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, conquistando nas categorias de Melhor Longa-Metragem de Ficção, Direção, Roteiro, Ator para Carlos Francisco, Ator Coadjuvante para Cícero Lucas, Fotografia, Som e Montagem.

SOB BG

LOC: O cenário cinematográfico brasileiro é enriquecido por figuras marcantes que não apenas moldaram a sétima arte no país, mas também desafiaram barreiras e moldaram novos horizontes / No Brasil, Adélia Sampaio é uma figura icônica na história do cinema brasileiro / Ela não apenas foi a primeira diretora negra do país, mas também desempenhou diversas funções cruciais nos bastidores da sétima arte, incluindo maquiadora, câmera, continuísta, montadora e produtora / Em um marco de sua carreira, lançou seu primeiro longa-metragem intitulado Amor Maldito (1984) / Além disso, dirigiu o documentário Fugindo do Passado: Um Drink para Tetéia e História Banal (1987), que explorou os traumas da ditadura militar no Brasil / O último trabalho da cineasta foi em O Mundo Adentro (2018).

SOBE BG

LOC: Vale ressaltar que Adélia Sampaio enfrentou sérios desafios durante um período sombrio da história do país, tendo sido presa e agredida juntamente com seu marido jornalista, Pedro Porfírio / A trajetória da cineasta não apenas quebrou barreiras no cinema brasileiro, mas também evidenciou sua coragem e determinação diante de adversidades políticas e sociais.

SOBE BG

LOC: Ainda destacando talentos brasileiros, seguimos com Sabrina Fidalgo, a notável roteirista, atriz e produtora natural do Rio de Janeiro / Sua carreira ganhou reconhecimento internacional em março de 2018, quando a renomada publicação norte-americana Bustle a classificou como a 8ª cineasta mais promissora do mundo, em uma lista com 36 profissionais do cinema

SOBE BG

LOC: Um dos destaques de sua filmografia é o curta-metragem Rainha (2016), que conquistou o prêmio de Melhor Filme no Festival Internacional de Curtas do Rio de Janeiro / Além disso, seu trabalho mais recente, Alfazema (2019), obteve reconhecimento ao ser premiado duas vezes no Festival de Brasília de Cinema Brasileiro, solidificando ainda mais sua presença na cena cinematográfica.

SOBE BG

LOC: Também é válido destacar a cineasta Viviane Ferreira, que também é uma importante advogada e ativista brasileira / Ela é conhecida por seu curta-metragem O Dia de Jerusa (2014) e sua subsequente adaptação para longa-metragem, Dia Com Jerusa (2020), estrelados pelos consagrados Antônio Pitanga e Léa Garcia / Além de suas realizações no cinema, Viviane é a fundadora da Odun Filmes, uma empresa produtora voltada para o audiovisual identitário, demonstrando seu compromisso com a promoção de narrativas diversificadas e inclusivas no cenário cinematográfico brasileiro.

SOBE BG

LOC: Gabriel Martins, conhecido no meio cinematográfico como Gabito, é formado em Cinema, Vídeo e Fotografia e um dos sócios da produtora Filmes de Plástico / Estreou no cinema como montador e diretor de fotografia do curta-metragem Fantasmas (2010), dirigido por André Novais Oliveira / Sua trajetória como realizador começou com o curta Meu Amigo Mineiro (2012) / Alcançou fama no cenário cinematográfico nacional ao comandar um dos segmentos do longa O Nó do Diabo (2018), e ao ser um dos diretores de No Coração do Mundo (2019), mas, principalmente, por dirigir o aclamado drama Marte Um (2022), vencedor de oito categorias do 23º Grande Prêmio do Cinema Brasileiro.

SOBE BG

LOC: Apesar desses tardios avanços, há persistentes desafios para alcançar uma representação autêntica e inclusiva / Eryk volta para falar como a representação de personagens negros evoluiu ao longo das décadas no cinema, e quais desafios ainda precisam ser superados para uma representação mais autêntica e inclusiva.

SOBE BG

Sonora: “Eu acho que um ponto interessante (00:00) - Buscando criar essa representação que é mais autêntica e inclusiva (05:25)

LOC: Nos últimos anos, tem havido uma ampla discussão e valorização do conceito de representatividade / Esse destaque é resultado, em parte, dos avanços tecnológicos que possibilitam a interação de diversos grupos sociais, bem como dos movimentos crescentes que enfatizam a importância de uma sociedade sem divisões raciais e de classe / O termo refere-se à qualidade reconhecida em um indivíduo ou organização que é oficialmente designada por um grupo de pessoas para defender seus interesses.

SOBE BG

LOC: No contexto brasileiro, a representatividade negra ainda é um desafio na comunicação / De acordo com filósofa, ativista e escritora Djamila Ribeiro em sua obra *Pequeno Manual Antirracista* (2019), "Se a população negra é a maioria no país, quase 56%, o que torna o Brasil a maior nação negra fora da África, e a ausência de pessoas negras em cargos de poder deveria ser algo chocante" / Infelizmente, o racismo persiste na sociedade e, quando há representação, muitas vezes ela se baseia em arquétipos e estereótipos / Apesar dos avanços promovidos pelos movimentos negros ao longo do último século, as mudanças têm sido pouco significativas, pois a presença negra em posições de destaque, como nas universidades, na mídia e na política, continua sendo menor.

SOBE BG

LOC: A importância de discutir esse tema surge quando as pessoas negras não se sentem representadas / Muitas vezes, quando são representadas, acabam gerando debates que reafirmam o racismo existente, não sendo retratadas como médicos, advogados, policiais ou heróis, mas sim como bandidos, pobres, preguiçosos ou bêbados.

SOBE BG

LOC: Após mais de um século desde a abolição da escravidão no Brasil, é lamentável constatar que muitos atores negros ainda são frequentemente confinados a papéis estereotipados / No entanto, houve um marco significativo em 2009, quando Taís Araújo, quebrou barreiras ao se tornar a primeira atriz negra a protagonizar uma novela no horário nobre da televisão brasileira / Ela interpretou a primeira Helena negra na obra do autor Manoel Carlos, na novela *Viver a Vida*.

SOBE BG

LOC: Apesar dessa conquista histórica, a novela e sua personagem enfrentaram dificuldades, com rejeição por parte de alguns telespectadores e críticas da mídia / Em vez de ser um momento de celebração, essa experiência causou inseguranças para a atriz, que ficou profundamente abalada e chegou a acreditar que isso poderia ser o fim de sua carreira, enfrentando dois anos de depressão.

SOBE BG

LOC: É importante ressaltar que as novelas da Rede Globo têm sido o principal conteúdo audiovisual consumido pelo povo brasileiro nas últimas décadas / Situações semelhantes à de Taís Araújo evidenciam os desafios enfrentados pelos atores negros no Brasil, assim como a importância de uma representação mais diversa e inclusiva na mídia e na sociedade como um todo.

SOBE BG

LOC: Cinco anos depois, outra mulher negra conquistou o papel principal em uma novela de horário nobre na Rede Globo / Em Babilônia (2015), Camila Pitanga dividia o protagonismo com Glória Pires e Adriana Esteves / No ano seguinte, ela protagonizou outra novela das 21h, Velho Chico (2016) de Benedito Ruy Barbosa.

SOBE BG

LOC: Atualmente, a Rede Globo está avançando na representatividade ao contar com pelo menos um protagonista negro em cada uma das três novelas em exibição / Na faixa das 18h, em Amor Perfeito (2023), o pequeno Marcelino, interpretado pelo ator mirim Levi Asaf, assume o papel principal ao lado de Diogo Almeida, que interpreta Orlando, seu pai / Na faixa das 19h, em Vai Na Fé (2023), Sheron Menezes dá vida a Solange e contracena com Samuel de Assis, que interpreta Benjamin, seu par romântico / E no horário nobre da emissora, em Terra e Paixão (2023), Bárbara Reis assume o papel de Aline, trazendo ainda mais diversidade às telas / Essa conquista é significativa e demonstra o avanço na representação e a valorização de talentos negros na televisão brasileira.

SOBE BG

LOC: E para finalizar, Eryk volta para relatar um pouco sobre como a representatividade negra na mídia pode contribuir para a desconstrução de estereótipos raciais e promover uma sociedade mais inclusiva e igualitária

SOBE BG

Sonora: “Como a representatividade negra na mídia pode contribuir... (00:08) - continuar desconstruindo esses estereótipos que já estão impregnadas e enraizados no imaginário popular (05: 29)

LOC: Este episódio fica por aqui, no próximo episódio irei abordar a longa jornada da representação negra em Hollywood

ROTEIRO DO EPISÓDIO 3

VINHETA

LOC: Olá, ouvinte, tudo bem? / Meu nome é Fabio Augusto e este é o podcast Curta Negro, que faz uma viagem pelas produções de profissionais negros e negras no cinema do Brasil e do mundo / Neste episódio, vamos comentar sobre a longa jornada da representação negra em Hollywood

SOBE BG

LOC: O cinema nasceu em meados de 1895 e desde então tem servido como um espaço para dar voz a diversos movimentos e lutas / A arte sempre foi um reflexo das ideias do mundo, transmitindo mensagens de revolução, força, amor e apoio, mas também expondo preconceitos, opressão e racismo / E os artistas negros vivenciaram na própria pele o preconceito que artistas brancos jamais imaginariam ter que enfrentar para conquistar reconhecimento em Hollywood ao longo de mais de um século.

SOBE BG

LOC: A representação equivocada e racista dos negros na cultura remonta há muito tempo, com suas raízes no século 19, através do blackface / Essa prática consistia em pintar pessoas brancas de forma a tentar imitar características físicas dos negros, perpetuando estereótipos absurdos associados a esse grupo, numa suposta forma de "comédia" racista / É importante ressaltar que, nessa época, os negros sequer tinham o direito de subir ao palco para se apresentar.

SOBE BG

LOC: Essa prática foi herdada no século 20, muito depois da abolição da escravidão nos Estados Unidos, encontrando seu lugar no cinema / Durante essa época, era extremamente difícil, senão impossível, para atores negros conseguirem papéis nas telas, resultando na anulação de suas vozes e identidades, sendo substituídos por atores brancos que utilizavam blackface, como Al Jolson em O Cantor de Jazz, de 1927, e Judy Garland em Babes in Arms, de 1939 / Mesmo personagens originalmente negros, como Othello, de William Shakespeare, eram interpretados por homens brancos, isso contribuiu para a desumanização e negação da representatividade dos artistas negros.

SOBE BG

LOC: O filme O Nascimento de uma Nação, de 1915, apresentava mensagens racistas que retratavam os negros, interpretados por atores brancos, como animais, ao mesmo tempo em que glorificava o grupo de ódio Ku Klux Klan / Embora tenha sido um sucesso de bilheteria e crítica na época, o longa marcou o início de um movimento de repressão contra a comunidade negra nos Estados Unidos ao longo do século.

SOB BG

LOC: A maioria dos papéis interpretados por atores negros em Hollywood era limitada e baseada em estereótipos, perpetuando a visão dos brancos como os únicos capazes de definir a experiência negra / Esses estereótipos incluíam personagens como o "Jim Crow", um homem negro retratado como submisso aos brancos, um termo racista usado para descrever negros considerados intelectualmente inferiores / Além disso, esses estereótipos também se estendiam à figura da mulher negra que trabalhava para famílias brancas, cuidando de crianças, conhecida como "Mammy".

SOBE BG

LOC: Essas representações reforçavam uma visão negativa e desumanizadora da comunidade negra / Mesmo que essa não fosse a representação que eles queriam e precisavam, homens e mulheres negras se esforçavam bastante para ter um lugar em Hollywood, que aceitavam esses papéis para pelo menos poderem pavimentar a estrada para os futuros atores negros que fossem surgir.

SOBE BG

LOC: Um dos primeiros títulos a tentar quebrar essa visão foi Aleluia, de 1929, dirigido por King Vidor, com o elenco inteiro negro / O projeto foi um sucesso, mas o filme reforçava fortemente os estereótipos da época, algo que foi criticado pelo movimento negro logo depois / Todos os atores e atrizes negros foram ignorados e a única indicação ao Oscar que o filme recebeu foi a de melhor diretor, que era branco.

SOBE BG

LOC: A primeira atriz negra a ganhar um Oscar foi a Hattie McDaniel, em 1940 pelo filme E o Vento Levou.../ No filme ela interpreta uma escrava que acompanha a trajetória de Scarlett O'Hara, a protagonista / Apesar de ter vencido a categoria de coadjuvante, a atriz e seu companheiro receberam pouca atenção dos fotógrafos e os jornalistas e ficaram isolados em uma mesa para dois no fundo do salão de festas onde rolou a cerimônia, porque era proibida a entrada de negros no local.

SOBE BG

LOC: Apesar do lindo discurso de McDaniel em que afirmava que através da sua vitória portas para outros artistas negros fossem abertas, isso demorou, pois só depois de quase 25 anos um outro negro ganhou um Oscar, o ator Sidney Poitier, pelo filme Uma Voz na Sombra / Na época, o ator se tornou um astro conhecido, e anos depois, estrelou o longa No Calor da Noite, de 1967, o primeiro filme que mostrava um homem negro revidando a agressão de um branco.

SOBE BG

LOC: Somente um ano depois do filme No calor da noite, aconteceu o primeiro beijo interracial, na série Star Trek, entre os personagens Kirk, interpretado pelo ator branco, William Shatner, e a tenente Uhura, vivida por Nichelle Nichols, uma atriz negra.

SOBE BG

LOC: Durante a década de 1970 houve uma forte mudança no cinema após a implementação de um programa étnico de comunicações que incentivavam o ingresso de alunos negros, indígenas, asiáticos e latinos na faculdade / Essa oportunidade dava mais vozes aos negros em todas as produções em que os cineastas, elenco e enredos eram negros para consumo de pessoas negras, e a partir disso, foi criado o movimento chamado de Blaxploitation.

SOBE BG

LOC: Esse tipo de filme inspirou gerações, além de possuir uma representação das mulheres como guerreiras, personalidades fortes e liderança, como no filme Bush Mama, de 1969 / Os filmes não mostravam mais os negros com roupas de empregada rasgadas, e sim num estilo elegante e inspirador, na linha de frente das batalhas, sendo protagonistas e até mesmo criando próprias versões de personagens icônicos como o Drácula, em Blacula, de 1972.

SOBE BG

LOC: Apesar dessa nova onda trazer negros em situações de poder, os filmes também mostravam contextos onde os negros eram marginalizados na sociedade, abordando temas políticos e sociais / No entanto, acabaram não recebendo o devido reconhecimento na época, por conta da supremacia branca que envolvia Hollywood / Era uma luta do povo negro por voz em uma indústria fundada na base de um código branco / Então eles tiveram que criar seu próprio estilo e identidade em seus filmes, criar um cinema de entendimento da população negra para si própria, sem a influência dos estereótipos e estigmas racistas.

SOBE BG

LOC: Mesmo que esses filmes continuassem sendo marginalizados, esse movimento mudou o cinema e abriu portas para diversos cineastas negros, além de inspirar as gerações seguintes, como o longa O Matador de Ovelhas, de 1978, de Charles Burnett, um dos mais importantes da época.

SOBE BG

LOC: Pouco mais de 10 anos depois, o filme *Faça a Coisa Certa*, lançado em 1989, escrito, dirigido e estrelado por Spike Lee, estreou nos cinemas dos Estados Unidos / A trama do longa aborda a brutalidade policial em um bairro marginalizado de Nova York, que apesar de mais de 34 anos desde o seu lançamento, se mantém como uma pauta atual / Foi indicado a duas categorias do Oscar do ano seguinte, no entanto, não venceu nenhuma delas

SOBE BG

LOC: Depois da consagração do movimento na indústria, houve uma enxurrada de projetos realizados por pessoas negras no cinema e na TV, como *Mudança de Hábito*, em 1992, *Bad Boys*, em 1995, *Duelo de Titãs*, em 2000, e apresentando e consagrando atores geniais que continuam inspirando outras gerações e trabalhando em Hollywood, como Will Smith, Danny Glover, Samuel L. Jackson, Denzel Washington, Viola Davis, Halle Berry.

SOBE BG

LOC: Halle Berry foi a primeira atriz negra a vencer o Oscar de Melhor Atriz principal após mais de 70 anos desde o início da premiação / Também já foram premiados com a estatueta o Morgan Freeman, Jamie Foxx, Whoopi Goldberg, Cuba Gooding Jr, Viola Davis, Octavia Spencer e Regina King, a última atriz negra a vencer em uma categoria de atuação, há quatro anos atrás.

SOBE BG

LOC: Apesar dos diversos projetos que surgiram a partir do movimento *Blaxploitation*, infelizmente muitos dos estereótipos continuaram e foram criados em filmes populares, como o do negro bem humorado e malandro / Vale ressaltar que em meados dos anos 2000, muitas produções privaram a representação de negros apenas a papéis de escravos ou em que se utilizam do conceito de *White Saver*, que são aqueles filmes onde um homem ou mulher negra acabam sendo salvos de uma sentença ou situação pela bondade de uma figura branca, como no filme / Um dos principais exemplos é o filme *Um Sonho Possível*, protagonizado por Sandra Bullock.

SOBE BG

LOC: Os roteiristas negros desempenham um papel fundamental na indústria do entretenimento, trazendo visões únicas e histórias poderosas para as grandes e pequenas telas / Ao longo da história do cinema e da televisão, eles têm desafiado estereótipos, contado histórias autênticas e contribuído para a diversidade de narrativas.

SOBE BG

LOC: Um dos grandes exemplos é Spike Lee, que possui um papel importante quando se trata de representatividade, tema bastante trabalhado em muitos dos seus filmes / Hoje o cineasta é considerado um dos mais influentes do cinema norte-americano / Entre as principais obras do artista estão Ela Quer Tudo, de 1986, Faça a Coisa Certa, de 1989, Malcolm X, de 1992, O Plano Perfeito, de 2006, e Infiltrado na Klan, lançado em 2018, pelo qual ele venceu um Oscar na categoria de Melhor Roteiro Adaptado.

SOBE BG

LOC: Na lista de roteiristas também se encontra o britânico Steve McQueen, que além de cineasta também é fotógrafo e escultor / Ele foi o primeiro homem negro a ganhar um Oscar de Melhor Filme, por 12 Anos de Escravidão, lançado em 2013 / O longa também recebeu um prêmio na categoria de roteiro adaptado, mas a estatueta foi para o cineasta norte-americano John Ridley, sendo o segundo afro-americano, até então, a ganhar o prêmio nesta categoria.

SOBE BG

LOC: Além do filme que lhe rendeu um dos principais prêmios do cinema, McQueen possui créditos de roteiro nos filmes Hunger, de 2008, e Shame, de 2011, e na minissérie antológica Small Axe, que aborda o racismo em comunidades de Londres entre os anos 60 e 80.

SOBE BG

LOC: O norte-americano Barry Jenkins também é considerado um dos grandes cineastas da atualidade / Através do seu primeiro longa-metragem, Remédio para a Melancolia, de 2008, conquistou nomeações e condecorações, como o Gotham Awards e o Spirit Awards / Nos anos seguintes, escreveu, produziu e dirigiu o filme Moonlight: Sob a Luz do Luar, lançado em 2016.

SOBE BG

LOC: O longa recebeu diversas nomeações às principais premiações estadunidenses e britânicas, sendo oito delas no Oscar, ganhando nas categorias de Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Ator Coadjuvante para Mahershala Ali e de Melhor Filme, que acabou gerando uma das maiores gafes da premiação em seu anúncio / Os atores Faye Dunaway e Warren Beatty (uarren beiry), que subiram ao palco para entregar o prêmio, estavam com o envelope errado e acabaram

indicando La La Land como vencedor quando, na verdade, Moonlight era o agraciado da edição.

SOBE BG

LOC: Ainda na filmografia do cineasta se encontram o filme Se a Rua Beale Falasse, de 2018, que lhe rendeu novamente indicações ao Oscar, BAFTA e Globo de Ouro, e a minissérie A Ferrovia Subterrânea, de 2022, pela qual recebeu mais uma prêmio BAFTA, na categoria de Melhor Direção em Minissérie ou Telefilme.

SOBE BG

LOC: Também vencedor na categoria de roteiro no Oscar, o ator e cineasta Jordan Peele é um dos grandes nomes do cinema da atualidade / O norte-americano ganhou notoriedade através do premiado filme Corra!, de 2018 / O longa de estreia de Peele segue um jovem fotógrafo negro que está prestes a conhecer os pais da namorada branca. / No entanto, ao chegar no local, percebe que a família esconde algo muito perturbador / O cineasta sempre traz abordagens de crítica social, elenco principal repleto de atores negros e um bom terror, como também nos aclamados Nós, de 2019, e Não, não olhe, lançado em 2022.

SOBE BG

LOC: Conhecida por escrever, produzir e dirigir a cinebiografia do pastor batista e ativista político Martin Luther King Jr., intitulado Selma, de 2014, Ava DuVernay é uma das primeiras mulheres, mas não a única, cineasta de grande notoriedade da atualidade / A partir do longa, ela se tornou a primeira diretora negra a ser nomeada para um Globo de Ouro, bem como para o Oscar de Melhor Filme / Também foi a primeira mulher negra a ganhar o prêmio de Melhor Direção no Festival Sundance de Cinema pelo seu trabalho no filme "No meio do nada", de 2012.

SOBE BG

LOC: Anos mais tarde Ava realizou duas produções originais da Netflix: A primeira foi 13ª Emenda, lançada em 2016, que é documentário que traz estudiosos, ativistas e políticos para analisar a correlação entre a criminalização da população negra dos Estados Unidos e o sistema prisional do país / E segunda foi a minissérie Olhos que Condenam, de 2019, que aborda o caso de cinco adolescentes que foram presos e condenados injustamente por estupro e agressão a uma mulher branca no Central Park em 1989.

SOBE BG

LOC: Conhecido pelo aclamado filme de herói negro da última década, Pantera Negra, de 2018, Ryan Coogler é considerado um dos promissores cineastas da indústria norte-americana. / Em sua estreia com o longa-metragem Fruitvale Station: A Última Parada, de 2013, ele recebeu diversos prêmios, incluindo o Spirit Award de Melhor Primeiro Filme / Ryan também participou do roteiro dos filmes Creed, de 2015, e Creed 3, de 2023, sendo este primeiro o que acabou chamando a atenção da equipe Marvel, o convidando para dirigir e roteirizar, posteriormente, os filmes de herói do Pantera Negra / O primeiro longa do herói chegou a ser indicado ao Oscar de Melhor Filme, mas levou apenas na categoria de Melhor Figurino / Já a sequência Pantera Negra: Wakanda Para Sempre, lançado em 2022, resultou na segunda indicação da atriz preta Angela Bassett à premiação.

SOBE BG

LOC: Para falar um pouco sobre os prêmios e o reconhecimento recente de filmes como "Moonlight" e "Pantera Negra" e se isso demonstra uma mudança na indústria cinematográfica eu convido novamente a professora de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás, Ceiça Ferreira:

SONORA CEIÇA: (0:00) Eu acho que demonstra interesse - a os dois, a gente tem que reconhecer isso (2:30)

SOBE BG

LOC: Diante disso, percebemos que a jornada da representação negra em Hollywood é marcada por desafios, superações e conquistas significativas ao longo do tempo / Do início do cinema, quando os artistas negros eram frequentemente relegados, até os dias atuais, no qual eles estão redefinindo narrativas e moldando a indústria / Mas será que todos enxergam isso? Este episódio fica por aqui. / No próximo irei abordar sobre o consumo de cinema negro por pessoas pretas.

ROTEIRO DO EPISÓDIO 4

VINHETA

LOC: Olá, ouvinte, tudo bem? / Meu nome é Fabio Augusto e este é o podcast Curta Negro, que faz uma viagem pelas produções de profissionais negros e negras no cinema do Brasil e do mundo / Neste episódio, mergulharemos no consumo de cinema negro por pessoas pretas

SOBE BG

LOC: O Cinema Negro desempenha um papel crucial na desconstrução de estereótipos e na promoção de uma representação autêntica da comunidade negra na indústria / Através de narrativas, personagens e concepções únicas, ele oferece uma visão diversificada e rica da experiência negra.

SOBE BG

LOC: Para muitos espectadores, o Cinema Negro desempenha um papel vital na formação de sua identidade racial / Ao se identificarem com as histórias, eles encontram a validação, inspiração e uma conexão mais profunda com sua herança cultural / É uma janela que permite explorar a riqueza da experiência negra, proporcionando um espaço para o reconhecimento e o orgulho.

SOBE BG

LOC: O Cinema Negro tem uma história impressionante de abordar de maneira impactante questões sociais, políticas e raciais / É uma plataforma que destaca injustiças, lutas e triunfos da comunidade negra, promovendo a mudança social ao provocar discussões, aumentar a conscientização e inspirar ação / Além disso, o Cinema Negro é uma ferramenta poderosa para gerar empatia e compreensão, assim contribuindo para mudanças significativas.

SOBE BG

LOC: As representações de pessoas negras no cinema evoluíram ao longo das décadas, indo além dos estereótipos para apresentar personagens complexos e multifacetados / Atualmente, há um aumento na diversidade de narrativas e personagens negros, refletindo uma extensa série de experiências autênticas.

SOBE BG

LOC: Refletindo sobre o assunto, podemos nos perguntar de que maneira o cinema negro contribui para a representação e visibilidade da comunidade preta na indústria? / Acredita-se que o cinema negro exerceu um papel significativo na formação da identidade racial, mas de que maneira?/ Iniciando esse debate, temos a resposta de Vitor Manoel, estudante de Cinema e Audiovisual na Universidade Federal do Mato Grosso.

SOBE BG

SONORA VITOR 1: “Bom, a indústria do entretenimento, ela é uma indústria mundial, né?” (0:00) - “Às nossas vivências, elas são vistas, né? Mundialmente” (0:33)

SOBE BG

LOC: Já o jovem vestibulando Juan Sousa acredita que a arte molda e é moldada pelas pessoas, ainda mais uma tão poderosa quanto o cinema.

SOBE BG

SONORA JUAN 1: “Então, a arte molda e é moldada pelas pessoas” (0:00) - (0:27)
“dissolver conceitos errôneos são consequências desse protagonismo”

SOBE BG

LOC: No entanto, o nosso terceiro entrevistado, o jornalista e apresentador Rodrigo Fumaça, possui uma visão diferente sobre o assunto:

SOBE BG

SONORA RODRIGO 1: “Cara, eu não sei se o cinema contribuiu para a representação” (0:00) - “nesses blockbusters, por questão de obrigação mesmo” (0:33)

SOBE BG

LOC: Rodrigo ainda destaca a importância do cinema negro ao afirmar que filmes específicos com temática centrada em pessoas negras o ajudaram a se ver como uma pessoa preta, especialmente ao abordar questões sociais e enfrentar o racismo.

SOBE BG

LOC: Já o Juan, ao mencionar suas experiências de infância com produções televisivas como "Todo mundo odeia o Chris", "Super Choque" e "Eu, a patroa e as crianças", ressalta a importância da identificação proporcionadas por essas obras / Ele sugere que, mesmo de forma inconsciente na época, essas experiências o influenciaram positivamente.

SOBE BG

LOC: Ambos os relatos, de Rodrigo, Juan e Vitor, apontam para a capacidade do cinema, especialmente o cinema negro, de ser uma ferramenta eficaz para proporcionar identificação, representatividade e conscientização, assim contribuindo para a mudança social e cultural.

SOBE BG

LOC: Ao serem questionados sobre filmes negros subestimados ou menos conhecidos, Rodrigo destaca a importância do cinema como ferramenta eficaz, ressaltando filmes como "Infiltrados na Klan", de Spike Lee, e "O Banqueiro", de George Nolfi / Rodrigo ainda reconhece que cineastas renomados, como Spike Lee, são alguns dos agentes de mudança na representação cinematográfica.

SOBE BG

LOC: Por outro lado, Vitor apresenta filmes que, embora não sejam amplamente subestimados, não recebem a mesma atenção na mídia em comparação com outros lançamentos / Ele menciona "Harriet", da diretora Kasi Lemmons, e "Medida Provisória", de Lázaro Ramos, como produções que, em sua opinião, merecem mais reconhecimento.

SOBE BG

LOC: A relação entre essas respostas destaca a diversidade de pontos de vistas sobre a visibilidade do cinema negro e como diferentes filmes podem ser percebidos em termos de subestimação ou falta de reconhecimento / Ambos os entrevistados compartilham a visão de que o cinema pode ser uma ferramenta eficaz, mas também expressam a necessidade contínua de maior reconhecimento e destaque para determinadas produções.

SOBE BG

LOC: Sobre as representações de pessoas negras no cinema, sua evolução ao longo do tempo e quais mudanças ocorreram, Vitor dá sua opinião

SOBE BG

SONORA VITOR 2: "A representação mudou drasticamente do início do cinema" (0:00) "boicotar produções estreladas por pessoas negras" (0:24)

LOC: Ao responder à pergunta, Juan, citou exemplos como o live-action de A Pequena Sereia e do personagem Miles Morales, da animação Homem-Aranha no Aranhaverso

SOBE BG

SONORA JUAN 2: "Cara, eu acho que esse contexto tem mudado" (0:00) "mas é inegável que mudanças estão acontecendo" (0:39)

LOC: Os entrevistados expressam desejos específicos quando foram questionados quais temas que gostariam de ver mais explorados no contexto do cinema negro. / Vitor destaca a importância de uma maior representação das experiências LGBTQIA+, ressaltando a escassez de produções relacionadas a esse tema.

SOBE BG

LOC: Por sua vez, Juan expressa interesse em ver mais exploração de temas como ficção científica, distopia e terror / Ele observa um aumento na produção de obras desses gêneros que exploram o âmbito racial, mas destaca a aspiração por uma abordagem mais ampla desses temas, indicando um desejo por uma expansão e aprofundamento nas narrativas.

SOBE BG

LOC: Ambas as respostas refletem a importância da representatividade e diversidade no cinema negro, evidenciando a necessidade de explorar uma variedade de experiências, incluindo aquelas relacionadas à identidade sexual e a gêneros cinematográficos específicos.

SOBE BG

LOC: Diante do cenário atual, surge um questionamento crucial: será que a indústria do cinema está verdadeiramente empenhada em promover a diversidade e inclusão de cineastas e atores negros? / Rodrigo tem uma opinião a respeito:

SOBE BG

SONORA RODRIGO 2: “Ah, eu acho que ainda falta melhorar muito ainda” (0:00) “que estão aí de fato na tela ou por trás de grandes matérias até escritas, né” (0:32)

SOBE BG

LOC: Já as respostas de Juan e Vitor oferecem visões diferentes sobre a efetividade da indústria cinematográfica na promoção da diversidade e inclusão de cineastas e atores negros / Juan expressa ceticismo em relação à indústria do cinema, mas cita alguns pontos

SOBE BG

SONORA JUAN 3: Cara, eu não entendo muito sobre produção de filme (0:00) - cinema preto tem dificuldade pra acontecer por conta desses fatores (0:23)

SOBE BG

LOC: Por outro lado, Vitor adota uma visão mais otimista sobre o assunto:

SONORA VITOR 3: E eu acredito assim, o cinema ainda não tá fazendo o máximo que ele pode, mas ele já tá fazendo mais do que 10 anos atrás - (0:00) a (0:09)

SOBE BG

LOC: Quanto às preferências e conexões pessoais, Vitor comenta qual é o seu filme negro favorito e o por que ele é tão especial.

SOBE BG

SONORA VITOR 4: E meu filme negro favorito é Harriett (0:00) “muito importante para a luta contra o racismo (0:15)

SOBE BG

LOC: Já o Rodrigo cita um dos mais prestigiados filmes do Spike Lee

SOBE BG

SONORA RODRIGO 3: “Meu filme negro favorito, eu gosto muito é Infiltrado na Klan” (0:00) - “favelas do Brasil, por exemplo, é um exemplo claro disso, né, e é isso, cara” (0:59)

SOBE BG

LOC: E por fim, Juan aponta uma das animações mais aclamadas dos últimos tempos

SOBE BG

SONORA JUAN 4: “Então, eu tenho muita dificuldade em escolher coisas favoritas” (0:00) - “e em especial no público infanto-juvenil” (0:55)

SOBE BG

LOC: O Cinema Negro tem explorado uma ampla variedade de temas ao longo dos anos, mas ainda há espaço para a exploração de concepções adicionais / Muitos desejam ver uma maior abordagem de temas como identidade queer negra, questões de saúde mental, e muito mais, pois a diversidade de histórias é infinita.

SOBE BG

LOC: Enquanto a indústria cinematográfica fez progressos notáveis na promoção da diversidade e inclusão, há um consenso de que ainda há muito a ser feito / O reconhecimento e apoio a talentos negros devem ser uma prioridade constante, com muitos acreditando que uma mudança sistêmica é necessária para garantir igualdade de oportunidades para cineastas e atores negros.

SOBE BG

LOC: Este podcast nos convida a explorar visões únicas que o Cinema Negro oferece, e a compartilhar histórias de filmes que tocaram nossos corações, demonstrando por que eles são especiais para nós / Mas me diga aí, qual é o seu filme negro favorito, e o por que? / Este episódio fica por aqui.

Anexo 2



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL**

Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE


Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Fabio Augusto Santos da Silva do Curso de Jornalismo, matrícula 20201012700908, telefone: (62) 983406512 e-mail: iamfabioaugusto@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “CURTA NEGRO: UMA SÉRIE DE PODCAST SOBRE O FILMES PROTAGONIZADOS, DIRIGIDOS, ESCRITOS E/OU PRODUZIDOS POR PESSOAS PRETAS”, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 26 de novembro de 2023.

Assinatura do(s) autor(es):  Documento assinado digitalmente
FABIO AUGUSTO SANTOS DA SILVA
Data: 27/11/2023 00:16:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome completo do autor: Fabio Augusto Santos da Silva

Assinatura do professor-orientador:  Documento assinado digitalmente
ROGERIO PEREIRA BORGES
Data: 27/11/2023 18:56:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome completo do professor-orientador:

Anexo 3

Autorizações da fontes